

5

Trajetórias de duas professoras de inglês – (re)construindo sucesso e dúvidas

Este capítulo compreende a análise das duas outras professoras entrevistadas: Tina e Bia (5.1 e 5.2). Essas duas professoras têm experiências com o ensino mais recentes, são mais novas, uma no início do curso de mestrado e a outra ainda na graduação. São também estas duas que apresentam uma trajetória permeada por dúvidas em relação à profissão de professor e cogitam, com frequência, mudar de área de atuação, diferentemente de Leda e Gil. Também mostram gosto pela língua inglesa em si, fator que exerceu grande influência em sua escolha por ensinar inglês, mas não com a mesma ênfase com que fazem Leda e Gil.

Examino nesse capítulo, assim como no anterior às avaliações realizadas pelos professores durante suas produções discursivas e também a conseqüente elaboração do ponto das narrativas, assim como o desenvolvimento da proposição inicial das explicações propostas. Observo como reestruturam e organizam suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais, de particular interesse para mim.

Discuto, como fiz anteriormente, com Leda e Gil, os recursos discursivos utilizados pelos entrevistados no processo que desenvolvem em suas narrativas. As escolhas lexicais, as ações descritas e, com muita ênfase, as repetições que fazem durante sua produção discursiva são observados e comentados.

Para realizar a análise, as entrevistas são segmentadas em unidades menores, buscando um maior detalhamento dos aspectos a serem discutidos, assim como fiz no capítulo quatro acima.

Os segmentos iniciais estabelecem a contextualização de nossa conversa, reafirmando que esse encontro é uma entrevista, encaminhando a discussão.

5.1.

O contato precoce com a língua inglesa - o sucesso entrecortado pela busca do reconhecimento profissional de Tina

Início agora a discussão da trajetória pessoal e profissional de Tina, 30

anos, professora de língua inglesa, formada em Letras, com bacharelado obtido numa universidade particular da cidade do Rio de Janeiro, onde mora e trabalha. Somos colegas em nossos cursos de pós-graduação, na mesma universidade, ela no mestrado e eu no doutorado. A entrevista foi realizada numa sala de aula da universidade (em 2007) e nossa conversa durou um pouco mais de uma hora.

Acrescento aqui que Tina se ofereceu para ser um dos meus entrevistados. Assistíamos aulas juntas na faculdade e durante uma discussão conjunta entre a professora e todos os colegas, sobre a análise dos dados dos trabalhos de cada um, ela se interessou pelo assunto e quis discutir comigo, na entrevista, sua trajetória e, principalmente, a questão de não saber se quer continuar nessa profissão.

Como havia feito com os outros professores entrevistados, dividi sua fala em segmentos, num total de 11, que foram classificados com base na proposta de Linde (1993) em narrativas ou explicações (1 narrativa classificada nos moldes labovianos e 10 explicações). Esses segmentos receberam títulos na tentativa de apresentar um resumo do que será discutido na narrativa ou explicação que segue (seja o ponto da narrativa ou a proposição desenvolvida na explicação). Também agrupei esses segmentos em temas, após o primeiro, que funcionou como uma contextualização da pesquisa:

- I) **o caminho de Tina** (segmentos 2, 3)
- II) **frustrações com a profissão** (segmentos 4, 5, 6)
- III) **a realidade da profissão de professor de inglês**
(segmentos 7, 8, 9)
- IV) **a caracterização do professor entremeada por dúvidas**
(segmentos 10, 11)

Para desenvolver esta análise busco depreender os mecanismos discursivos de criação da coerência utilizados pela professora entrevistada ao construir suas narrativas e como ela estabelece relações de pertencimento à identidade profissional de professora de inglês. Também será discutida a importância da elaboração do ponto da narrativa e das avaliações realizadas pela narradora, assim como a função desses dois mecanismos discursivos no processo de construção da identidade profissional de Tina.

Da mesma forma que procedi com os professores Leda e Gil nos subcapítulos de análise anteriores (4.1 e 4.2 respectivamente), encaminho a discussão com base no desenvolvimento da trajetória profissional de Tina, traçando, paralelamente a este, a condução de seu projeto, lembrando que, como entendido aqui, vidas profissional e pessoal estão discursivamente e experiencialmente interligadas. Tomo a noção de trajetória a partir das experiências pessoais e profissionais vividas por Tina até o momento da entrevista. Por sua vez, o entendimento de projeto individual que desenvolvo é o conjunto de atitudes, desejos, mudanças, previsões e encaminhamentos possíveis que a narradora assume para sua vida, pessoal e profissional. São os caminhos vividos e os que ainda estão por serem vividos que se entrecortam.

O processo de (re)configuração identitária de Tina é desenvolvido com base em três pontos fundamentais: o destaque positivo para seu contato precoce com a língua inglesa; a avaliação parcial de que em sua carreira ela alcançou, até agora, um patamar de relativo sucesso, dentro dos limites existentes e, entrecortando essa construção bem sucedida, a discussão dos pontos negativos experienciados na realidade de professor de inglês.

O primeiro segmento propriamente dito, inicia a entrevista e funciona como uma breve contextualização que desenvolvo, como professora pesquisadora e entrevistadora; localizando para Tina, professora entrevistada, o desenvolvimento de minha pesquisa e o objetivo de nossa entrevista.

Venho seguindo essa prática durante a análise de todas as entrevistas realizadas para este estudo, por acreditar que assim, ressaltando um segmento inicial como contextualização, refaço, junto com o entrevistado, mas também para os possíveis leitores do estudo em questão, o desenho de minha pesquisa. Desta forma, estabeleço o início da entrevista e relembro o que está sendo estudado.

Segmento 1 - Contextualização

“... eu entrevisto professores...”

- 1 **Ana:** então: pra você entender então o que eu tô ↑ estudando
 2 **Tina:** hum, hum
 3 **Ana:** eu entrevisto professores: e: eu tô interessada na narrativa que eles me
 4 contam. não obrigatoriamente narrativas , mas tem gente > pelo próprio
 5 estilo deles < que gostam de contar narrativas mesmo
 6 **Tina:** hum, hum ↓ entendi
 7 **Ana:** tem gente que não. que gosta de falar sobre a profissão em geral ↑ aí eu
 8 chamo de narrativa mas nem sempre é aquela bonitinha: organizadinha:
 9 **Tina:** hum, hum
 10 **Ana:** e: no início foi sem querer, depois isso virou o meu tópico de ↓ estudo.
 11 eu gosto de, de ↑ acompanhar a trajetória de ↓ vocês é: onde estudou,
 12 porque quis ser ↑ professor
 13 **Tina:** hum, hum
 14 **Ana:** onde trabalha , se gosta, se não gosta, quais são os problemas: > e eu
 15 lembro que você até falou pra mim ° aquele dia ° < ↑ ah isso que essa
 16 professora que você gravou ↑ falou, eu também não sei se eu quero ser,
 17 fazer isso pra sempre
 18 **Tina:** hum, hum
 19 **Ana:** isso é uma questão muito comum na nossa:
 20 **Tina:** [é, eu vejo isso ↓ também]
 21 **Ana:** assim, de inglês. então ↑ é basicamente isso. pra vocês me contarem
 22 como, o que que foi o estudo de vocês, o teu trabalho:

Seguindo a ordem própria da entrevista, apresento no próximo segmento uma narrativa de Tina que fornece um panorama de sua trajetória profissional. Essa narrativa é analisada nos moldes labovianos, dando particular atenção à elaboração de seu ponto e à função deste, assim como a outros recursos como as repetições e as avaliações, de significativa importância para as construções identitárias desenvolvidas pela narradora. Interesse-me, particularmente, por seu processo de criação de afiliação à identidade de professor de inglês, observando como esse processo está inserido em nossa realidade atual e como Tina caracteriza quem é esse professor para ela.

Com o desenvolvimento desse panorama de sua trajetória profissional Tina inicia o que classifico como primeiro tema de sua entrevista: o traçar de seu caminho profissional.

I) O CAMINHO DE TINA

Segmento 2 – Narrativa

PANORAMA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE TINA

“... resolvi que ia trabalhar ... precisava de dinheiro ... continuo dando aula...”

- 1 **Tina:** tá. você quer que eu comece do início, lógico ↑ né
 2 **Ana:** você fez ↑ letras ?
 →3 **Tina:** ↓então, eu fiz letras mas eu antes disso eu dava aula, comecei a dar
 →4 aula. eu: eu: fazia: bom. em primeiro lugar eu estudei numa escola
 →5 americana meus pais foram transferidos pro equador, eu morei no
 6 equador quatro anos
 7 **Ana:** seu pai é ↑ militar
 →8 **Tina:** não. meu pai trabalhava numa empresa de cigarros e foi transferido e
 9 a família toda foi e: a gente foi ↓ junto. ↑ e quando chegou lá era
 10 mais fácil a gente estudar numa escola americana do que estudar
 11 numa escola de lá mesmo e a companhia TV pagando° então a ↑
 12 gente acabou todos os três, eu e meus irmãos estudando nessa escola.
 13 aí a gente aprendeu inglês pequenininho eu tinha seis anos e voltei pra
 14 cá já com onze ou doze ° mais ou menos° e quando eu voltei
 15 **Ana:** [e criança aprende ↑ rapidinho, né]
 16 **Tina:** é, criança aprende muito rápido e lá também era a língua que a
 17 gente falava, na escola e na rua: com as pessoas era ↓ espanhol, então
 18 gente aprendeu ↑ quando eu voltei pra cá eu voltei fui estudar
 19 normal fui fazer outras coisas ↑ até que com quinze, dezesseis anos
 20 eu fui fazer o ↓ intercâmbio. aí fui pros estados unidos , de novo,
 →21 novamente tava em contato com a língua tal e foi ótimo. quando eu
 22 voltei ↓ eu comecei a dar aula de inglês, mas era uma coisa mais
 23 assim, eu voltei super não querendo voltar : queria continuar lá: mas
 24 > não podia continuar porque já tinha acabado meu tempo lá < eu
 25 cheguei até a estender o tempo
 26 **Ana:** você morou com uma família ?
 27 **Tina:** morei com uma família, eu fui pra ficar seis meses acabei ficando um
 28 ano e ↓ meio
 29 **Ana:** nossa :
 30 **Tina:** é: eu ia aí no final não dava mais > eu tinha que voltar, eu tinha que
 31 fazer vestibular, minha família tava aqui < aí no que eu voltei, eu voltei
 32 pouco revoltada, aí eu resolvi que eu ia trabalhar , precisava de
 33 dinheiro, queria sair de casa: e ↑ aí a primeira coisa que me passou
 34 pela cabeça foi dar aula de inglês porque era o que eu sabia fazer ↓
 35 não dar aula né mas era a língua que eu ↓ tinha
 36 **Ana:** hum, hum
 →37 **Tina:** e aí eu comecei a dar aulas na magic, ° foi rapidamente assim
 38 aceita° porque acho que a magic é: mais fácil de entrar:
 39 **Ana:** e o seu inglês devia ser ótimo :
 →40 **Tina:** é: eu tava super ↑ afiada , tinha acabado de voltar, mas eu era muito
 →41 novinha °eu tinha dezesseis anos nessa época °
 42 **Ana:** nossa:
 →43 **Tina:** pois é. e ↑ aí eu fiquei dando aula e comecei: fui voltando a me
 →44 adaptar ao brasil , fui voltando a reconhecer meus amigos e tudo,
 45 resolvi ficar dando aula mas ↑ aí fui fazer ↓ faculdade , faculdade
 46 de administração e não gostei , achei horrível , fiz seis meses,

47 larguei, fiz história mais seis meses, > e paralelo a isso tava dando
 48 aula de inglês < ↑ aí teve um belo dia que eu falei, tenho que de
 49 repente fazer letras . eu gostava do que eu tava fazendo e eu acho
 50 que eu tava indo↓ bem. eu era reconhecida , eu larguei a magic e
 51 fui prum outro curso, aí comecei a dar aula particular paralelo. aí
 52 eu falei bom, vou ↓ fazer letras. aí ↑fiz letras e continuo dando aula
 53 até hoje e agora continuei: tô fazendo o mestrado e continuo ↑
 54 dando aula.

Nesta narrativa, Tina desenvolve sua trajetória profissional fornecendo, também, detalhes pessoais que auxiliam o processo de construção da professora Tina, hoje. Esta trajetória será narrada durante toda a entrevista e Tina percorrerá, continuamente, seu caminho profissional. Adianto que essa trajetória é linearmente construída e reconstruída durante nossa conversa: **um caminho profissional traçado com linearidade e coerência**. Mais adiante discutirei algumas outras configurações desse caminho.

O ponto aqui é marcar a ênfase em seu contato precoce, de qualidade e constante com a língua inglesa, partindo daí para uma formação acadêmica na área de letras. Há também a colocação de que esse curso superior não foi sua primeira escolha e que a necessidade de ganhar dinheiro para se sustentar levou a narradora a dar aulas de inglês. Ressalto, desde já, que esse foco no contato precoce com a língua inglesa será altamente valorizado pela narradora durante a entrevista, constituindo-se como foco central de sua configuração identitária.

Tina começa a localizar seu contato com o universo do ensino mesmo antes de ingressar na faculdade de letras e buscar a formação acadêmica específica (linha 3 – orientação temporal: “antes disso eu dava aula”). É interessante notar a estrutura desenvolvida por Tina nesta narrativa: após uma pergunta fechada, feita por mim (linha 2: “você fez letras?”), ela introduz um abstract, um resumo, seguido, então, da narrativa propriamente dita: (linhas 4 a 6: “estudei numa escola americana”, “meus pais foram transferidos pro equador”, “morei no equador quatro anos”). Todo o percurso traçado por ela é narrado em detalhes, com ações entremeadas por outras pequenas orientações temporais, espaciais e dos personagens; além de avaliações que auxiliam na construção da trajetória aqui narrada e na manutenção de seu ponto inicial.

Temos, então, outra orientação na linha 8 – “meu pai trabalhava numa empresa de cigarros”, seguida das orações narrativas que compõem a ação em questão e a avaliação da situação de estudos vivida lá: linha 10 – “era mais fácil a gente estudar numa escola americana do que estudar numa escola de lá mesmo”.

A volta ao Brasil também é narrada em detalhes e Tina começa, aí, a fortalecer seu contato com a língua inglesa e com o futuro ensino desta

O segundo retorno ao Brasil já marca o início da atividade como professora de inglês: orientação – linha 21: “quando eu voltei”; ação complicadora- linha 22: “comecei a dar aula”, linha 32: “resolvi que eu ia trabalhar”. As avaliações fortalecem o momento vivido por Tina como sendo de tensão- linha 23: “eu voltei super não querendo voltar”, linhas 30 a 32: “não dava mais”, “eu voltei um pouco revoltada”.

As avaliações desenvolvidas por Tina auxiliam na construção de um perfil de uma professora com qualidades e até por ser aceita muito nova no curso, a narradora reforça a crença, muito difundida no meio do ensino de língua estrangeira, de que o contato precoce com tal língua é extremamente proveitoso para quem quer ensiná-la: “era o que eu sabia fazer”, “foi rapidamente aceita”, “é mais fácil de entrar”, “eu tava super afiada”, “eu era muito novinha”.

A nova fase experienciada por Tina é um conjunto de ações ligadas ao magistério, sua readaptação ao Brasil e ao momento da escolha da faculdade que faria. Ressalto aqui, que a faculdade de letras não foi a primeira opção de Tina, embora, como exposto por ela acima, ela já estivesse dando aulas de inglês quando chegou o momento de escolher a faculdade.

A última seqüência de ações e avaliações fortalece o estabelecimento de sua atividade profissional como professora e estas avaliações, por enquanto, caracterizam positivamente seu desempenho como tal: “eu gostava do que eu tava fazendo”, “eu acho que tava indo bem”, “eu era reconhecida” – linha 48. Ressalto aqui algumas repetições utilizadas por Tina que, acredito, ajudam a fortalecer seu ponto (ressaltar a influência positiva do contato precoce com a língua inglesa para a constituição de Tina como professora) e a construir a trajetória narrada:

As repetições exercem (Tannen, 1989) função primordial como mecanismos discursivos que fortalecem construções do ponto, avaliações e até mesmo, na visão seguida neste estudo, participam ativamente do processo discursivo de configuração identitária. Subdivido, para melhor apresentar estas

repetições, a narrativa de Tina em etapas – algumas são repetições idênticas, outras apresentam pequenas variações, que podem ser lexicais ou estruturais, mas se repetindo semanticamente – o chamado paralelismo semântico ou lexical, segundo Tannen, 1989:

*** movimento seu e de sua família, saindo do Brasil e retornando:**

A família toda foi, A gente foi junto

Voltei pra cá, Quando eu voltei, Quando eu voltei pra cá, Voltei, Eu voltei

Fui pros EUA, Fui fazer intercâmbio

Cheguei a estender o tempo, Morei com uma família

Fui voltando a me adaptar, Fui voltando a reconhecer

*** início da atividade professoral**

Comecei a dar aula, Comecei a dar aulas, Fiquei dando aula, Comecei a dar aula particular

*** a busca pela formação acadêmica no magistério**

Fui fazer faculdade, Tenho que fazer Letras, Vou fazer Letras, Fiz Letras

*** a linearidade e continuidade em sua escolha profissional**

Fiquei dando aula, Tava dando aula, Continuo dando aula, Agora continuei, Continuo dando aula

Assim, Tina constrói uma trajetória linear, ressalta que se aprofundou no contato e no domínio da língua inglesa e reforça sua condição como apta a dar aulas de inglês (reforçada com suas avaliações positivas). É justamente através dessa linearidade em sua trajetória que a narradora estabelece coerência ao seu relato, fornecendo-lhe uma relação de causalidade aceitável: marca um momento remoto em sua infância para iniciar seu aprendizado de inglês, e começa a dar aulas por precisar do dinheiro, mas também porque dominava a língua com a facilidade decorrente dessa precocidade.

Mesmo ao trocar de curso de graduação duas vezes (administração para história e história para letras), não quebra a causalidade alcançada em seu relato, pois segue o curso que melhor se encaixa com a experiência que já está tendo há algum tempo. A causalidade é estabelecida através da série de razões que dá para seguir ensinando inglês mesmo enquanto ainda não tinha se decidido pela faculdade de letras. A relação de afiliação de Tina à identidade de professora tem

um traçado peculiar, assim como sua trajetória: parte da experiência para depois buscar uma formação específica e acadêmica na área do ensino. Ressalta qualidades que possui para dar aulas e depois reconta sua opção pela formação superior na área. Não deixa de ser uma forma coerente e válida de se construir como professora de inglês, acredito, buscando criar aí, de tal forma, relações de pertencimento (De Fina, 2006; Duszak, 2002).

No próximo segmento, ainda inserido no tema que traça o caminho de Tina, a entrevistada enfatiza sua situação atual de trabalho. Trata-se de uma explicação (nos termos de Linde, 1993), que tem como proposição central o estabelecimento dessa situação profissional, descrita por ela como satisfatória. No entanto, já começam a aparecer a partir de agora, algumas considerações sobre seu futuro incerto nessa profissão.

Segmento 3 - Explicação **ESTABILIDADE PROFISSIONAL**

“... eu tô bem parada...”

- 1 **Tina:** mas de um tempo pra cá ° quer dizer tem oito anos que eu tô na bells ° de
2 um tempo pra cá que eu achei a bells que eu acho que eu tô um pouco
3 mais > eu não quero fazer isso pro resto da minha vida< mas eu tô um
4 pouco mais parada , bem parada > vamos dizer assim< ° no que eu to
5 fazendo° eu gosto , é uma escola que eu gosto, é um esquema que eu
6 gosto.
7 **Ana:** é ipanema, né?
8 **Tina:** não. era. a gente tá na barra e centro, mas eu trabalho na barra ° porque
9 eu moro no itanhangá ° então eu tô lá há um tempão, e assim, eu não
10 quero ficar fazendo isso pra sempre , não quero mesmo, mas eu > ainda
11 não sei o que eu quero fazer pra sempre < tenho medo de um dia eu:
12 acordar e falar ↑ OH eu estou: fazendo isso:
12 **Ana:** eu já estou velha (hh)
13 **Tina:** (hh) é: ainda tem isso: também né , eu tô com trinta anos já

Observo que Tina começa a entrecortar sua trajetória com seu projeto individual. É interessante notar essa configuração que começa a ser desenhada: por um lado Tina desenvolve uma trajetória linear em sua profissão e obtém

sucesso; por outro lado, surgem dúvidas e ela começa a traçar um possível projeto que prevê mudanças em sua situação atual. Começam a aparecer, então, as dúvidas em relação à permanência na profissão de professora. Seu sucesso é atravessado pela falta de motivação e pela realidade não tão positiva que enfrenta para dar aulas, embora ela continue desenvolvendo sua trajetória na profissão e nos estudos.

Tina dá aulas num curso, aqui chamado bells, há muito tempo (como ela classifica os oito anos que está nesse local), e configura essa antiguidade, coloco assim, como fonte de sucesso e estabilidade profissional. Continua os estudos na área, pois está cursando o mestrado, mas tem muitas dúvidas. A trajetória linear e coerente é construída paralelamente às dúvidas e novos traçados estabelecidos por seu projeto. Este **projeto: buscar prováveis mudanças profissionais**, que começa a ser desenvolvido por Tina a partir daqui, visando a uma nova configuração em sua vida profissional, permeia toda sua entrevista.

Acredito ser de extrema relevância o papel das avaliações realizadas por Tina no decorrer da proposição defendida nesta explicação: a configuração de sua situação profissional como satisfatória, mas já entremeada por problemas. Apresento a seguir um quadro comparativo entre as avaliações positivas e as negativas desenvolvidas por ela, na tentativa de estabelecer uma interessante e significativa ligação entre as avaliações positivas e a manutenção de uma trajetória profissional coerente e linear e, por outro lado, mas igualmente significativa, a ligação entre as avaliações negativas e seu desenho de um projeto calcado em mudanças:

AVALIAÇÕES POSITIVAS	AVALIAÇÕES NEGATIVAS
Eu tô um pouco mais, um pouco mais parada, bem parada (linhas 4,5) - (parada aqui no sentido de bem situada profissionalmente)	Não quero fazer isso pro resto da minha vida (linha 3)
Eu gosto, é uma escola que eu gosto, é um esquema que eu gosto (linha 5)	Eu não quero ficar fazendo isso pra sempre (linha 10)

	Não quero mesmo, tenho medo (linhas 10 e 11)
--	--

Com suas avaliações, Tina faz também julgamentos morais acerca de sua situação como professora e do que quer, ou não, para seu futuro. Como ressalta Mishler (1986), a utilização das avaliações valida o próprio processo de performance de identidade desenvolvido. Nesse caso, a performance de identidade profissional de professora de inglês desenvolvida por Tina.

Destaco também o uso de algumas repetições com avaliações positivas que reforçam a construção de sua situação profissional como estável e de sucesso (até pelo tempo que ela já está lá):

- * tem oito anos, há um tempão
- * mais bem **parada**, bem **parada**
- * eu **gosto**, esquema que eu **gosto**, escola que eu **gosto**

Ao mesmo tempo em que ela começa a estabelecer um provável movimento de mudança calcado em avaliações negativas da situação vivida:

- * **não quero** fazer isso pra sempre, **não quero** mesmo

Com as repetições em seu discurso, Tina alcança, inclusive, um maior envolvimento em sua relação de afiliação à identidade profissional de professora, enfatizando, discursivamente, aspectos que são essenciais para ela, nesse processo de afiliação.

Observo também que Tina cria coerência em sua trajetória justamente por reforçar que gosta do que faz, se sente bem lá e é uma professora antiga. Há aí uma causalidade que unifica sua trajetória, tornando-a coerente. Seu sucesso, seu tempo de trabalho e sua linearidade reforçam seu pertencimento à identidade de professora, participativa, dedicada, reconhecida no trabalho. Isto não parece impedir, no entanto, que ela comece a traçar um projeto que pode vir a acarretar mudanças nessa situação antes estável - “não quero fazer isso pra sempre, não quero mesmo” - (Duszak, 2002; Mishler, 1999; Tardif, 2002; Tardif & Raymond, 2000).

O próximo segmento também é uma explicação e, nele, Tina já começa a se deter mais nos problemas da profissão de professor de inglês. Inicia aqui o primeiro dos três segmentos que compõem o segundo tema depreendido em sua entrevista: frustrações com a profissão de professor de inglês.

II) FRUSTRAÇÕES COM A PROFISSÃO

Segmento 4 – Explicação

FALTA DE RECONHECIMENTO DA PROFISSÃO

“ ... tem uma coisa que eu acho da profissão: que ela não é reconhecida assim...”

- 1 **Ana:** e você fez letras aqui ↑ na XXX ?
- 2 **Tina:** fiz. fiz letras na ↓ XXX e aí é isso. tem uma coisa que eu acho da
- 3 profissão: que eu acho que ela não é reconhecida assim: nem pelos, pelos
- 4 próprios professores e nem pelas instituições . assim, eu não sei porque
- 5 eu não trabalho em escola > eu dou aula em curso né <
- 6 **Ana:** lá dentro da escola > eu trabalho na escola militar < e lá é muito grande
- 7 **Tina:** hum, hum
- 8 **Ana:** e a gente é discriminado lá ↓ dentro
- 9 **Tina:** pois é ° pelos próprios professores °
- 10 **Ana:** pelos ↑ próprios colegas (...) quando eles precisam tirar uma aula: > é
- 11 sempre inglês ou educação física <
- 12 **Tina:** é : inglês tá sempre junto com educação ↓ física. realmente é ↓
- 13 discriminado

Nessa explicação Tina defende a proposição de que há pouco reconhecimento em relação à profissão de professor de inglês. A professora entrevistada começa a discutir uma realidade ainda não apresentada por ela, de problemas e pontos negativos.

Ressalto em seu discurso duas configurações significativas para o processo de construção de sua identidade profissional. Primeiramente, sinalizo a elaboração conjunta, entre Tina e eu, entrevistada e entrevistadora, de uma realidade experienciada por nós duas, professoras de inglês: o não reconhecimento do valor

da aula de inglês. Não só concordo com a narradora como também elaboro um breve relato sobre a situação que vivo em meu local de trabalho, reiterando a proposição inicial de Tina de falta de reconhecimento (linhas 6 a 11).

Além disso, observo que essa discussão dos pontos negativos da nossa profissão é ressaltada aos poucos por Tina. Estes traços negativos auxiliam a narradora no constante redesenhar de seu projeto individual, como veremos mais adiante, ou pelo menos na possibilidade de enfrentar este redesenhar, com as mudanças que ele traria em oposição à construção coerente e linear de sua trajetória profissional estável e relativamente satisfatória.

Começa a ser estabelecida uma oposição extremamente relevante para a configuração identitária de Tina: o aspecto positivo que a narradora constrói, baseada em crenças difundidas no seu meio de atuação profissional, para seu contato precoce com a língua inglesa e, por outro lado, a insatisfação com a realidade de desvalorização enfrentada por estes profissionais, na maioria dos contextos em que atuam, sinalizando o próprio desmerecimento dirigido também ao objeto de ensino desses profissionais, a língua inglesa (Fabrício, 2002).

Neste segmento reconheço o início da caracterização, que ainda será mais refinada, da frustração com a profissão. Ao começar a relatar os problemas que enfrenta, Tina inicia o redesenhar de um futuro projeto individual que ganha consistência a partir desse momento da entrevista: mudar de área de atuação profissional - existem incertezas em relação ao futuro, há uma insatisfação que permeia a suposta coerência e linearidade da trajetória profissional de professora de inglês que Tina vem experienciando até agora. Ela se vê num emaranhado de dúvidas, recomeços, mudanças, típico do desenvolvimento de trajetórias e projetos (Gatti, 2000; Mishler, 1999; Tardif, 2002; Tardif & Raymond, 2000).

A próxima explicação desenvolvida pela professora, segmento 5 abaixo, tem como proposição central a definição da chamada “mercantilização” do ensino, (Gee, 2000; Lankshear, 1997) no caso em questão, bem como da relação aluno-professor e dos professores com seus colegas de trabalho. Dessa maneira, Tina continua a dar forma a seu provável projeto de mudança profissional. Os

problemas que também são relatados abaixo conferem mais consistência a esse projeto. Tina começa a sentir no seu dia-a-dia os efeitos da inserção do ensino de línguas na visão contemporânea, que toma o ensino como mercadoria, o aluno como cliente e a escola como uma empresa. Constrói-se aí, uma relação não-estável, diferente, nova, em mudança constante, pós-moderna (Bauman, 1998; Giddens, 1991, 2000; Sennett, 1999).

Segmento 5 – Explicação

ENSINO DE LÍNGUAS COMO MERCADORIA

“... o inglês acaba sendo considerado uma mercadoria...”

- 1 **Tina:** mas eu não sei, eu, não sei se tem a ver com essa quantidade de curso
 2 que começou a aparecer e o fato de : ↑ isso eu acho muito assim: o
 3 inglês acaba sendo considerado uma mercadoria né: no ↑ curso é
 4 assim, você não tem aluno , você tem cliente
 5 **Ana:** hum, hum
 6 **Tina:** e aí não ↑ é legal, eu acho que não é legal porque você não pode ↑
 →7 comprar um: um: uma habilidade ↑que também é muito complexo, você
 8 tem um monte de aluno que você acha que não: não vai ↑ aprender
 9 **Ana:** a visão de educação tá um pouco apagada né? é um mercado mesmo:
 10 **Tina:** virou um mercado ↓ mesmo aí você fica desanimada, eu fico
 →11 desanimada , eu acho que de repente: eu teria me encontrado, eu teria
 →12 seguido nessa profissão se eu tivesse mais apoio até da instituição onde
 13 eu trabalho

Com o repetido uso de avaliações, Tina não só defende sua proposição inicial, mas também aprofunda a caracterização negativa, inicialmente proposta no segmento anterior, da realidade do ensino da língua inglesa. As avaliações negativas se referem ao excesso desmedido de cursos de idiomas, linha 1; à nova concepção de aluno e de ensino nesses estabelecimentos, linha 4; à mercantilização do ensino, transformado em produto a ser comprado, linhas 7 e 10 e à falta de apoio aos professores, linha 12. A escolha de alguns itens lexicais do universo de consumo e mercado auxilia na construção dessa visão mercantilista do ensino: **mercadoria, cliente, comprar, mercado.**

Ao avaliar também sua condição atual – linhas 10 e 11: “você fica desanimada” e “ eu fico desanimada”, Tina reforça coerentemente, a concepção de

um projeto que propõe mudanças em sua vida profissional, posto que a situação atual não é perfeita. É interessante observar que Tina propõe que “teria seguido nessa profissão” (linhas 12 e 13) se tivesse mais apoio da instituição. Na verdade, Tina vem seguindo nessa profissão há mais de dez anos e está, no momento, investindo na continuidade dos estudos (cursando o mestrado). Parece que essa contradição envolve, uma vez mais, a já mencionada relação entre sua trajetória profissional, linear, coerente e bem sucedida e seu projeto baseado em possíveis mudanças no âmbito profissional, já que a realidade do ensino de inglês não é totalmente satisfatória.

Como Tina lida, ou não, com essa constante contradição será ainda discutido no decorrer da análise que segue –

a situação satisfatória que alcançou como professora X as frustrações que permeiam, mesmo assim, essa situação.

A meu ver, Tina fortalece aqui, uma vez mais, sua condição como professora, condição esta que lhe permite avaliar a situação vivida e fazer julgamentos concernentes à forma como a educação vem sendo conduzida hoje, em muitos contextos, como o dos cursos de idiomas. Até a (re)criação de uma realidade difícil e frustrante faz parte, em muitos contextos, do universo de crenças e valores morais dos professores de inglês, sendo uma recriação baseada nos saberes conceituais, práticos e próprios da experiência de “ser professor” (Tardif, 2002; Tardif & Raymond, 2000).

Ainda dentro dessa discussão sobre a visão de ensino atual de inglês e as dificuldades enfrentadas pelos professores, no próximo segmento Tina desenvolve mais uma explicação cujo objetivo é aprofundar tal discussão e traçar, segundo seus critérios, a diferenciação entre os denominados instrutores e os tradicionalmente reconhecidos como professores. Desenvolve, aí, a proposição acerca do incômodo que causa ser tratada como instrutora e não como professora e as conseqüências dessa realidade – lembro aqui que Leda e Gil mencionaram diversas vezes o mesmo tipo de incômodo em relação a professores que exercem a profissão sem formação específica para tal.

Segmento 6 – Explicação
FALTA DE APOIO

“... a gente é instrutor, não é professor...”

- 1 **Tina:** por exemplo, na bells a gente é instrutor, a gente não é professor. até isso
 →2 é meio ↓ esquisito.
 3 **Ana:** não tem o nome
 4 **Tina:** [não tem]
 5 **Ana:** ninguém ?
 6 **Tina:** não. na nossa carteira, não, ninguém. nem quem é formado > é porque
 →7 não necessariamente precisa ser formado pra dar aula < e nem quem é
 →8 formado muito menos quem ↑ não é . na carteira você tá como instrutor,
 →9 tem um salário de instrutor , o sindicato é o sindicato do instrutor
 10 **Ana:** caramba , que ° esquisito °
 11 **Tina:** você vê, a própria empresa já: ° te coloca numa posição não de
 12 professor°
 13 **Ana:** e eles são corretos assim, de carteira, de, de:
 14 **Tina:** são, são, acho, é uma multinacional, é uma empresa de muitos anos, e
 →15 eles funcionam bem assim, nesse sentido. mas ↑ pagam mal, tem plano
 16 de carreira, bom > eu acho que paga mal < ↑ perto de outros lugares até
 17 que é bem, assim, tem um plano de carreira , carreira com ↓ limite:
 18 **Ana:** hum, hum
 19 **Tina:** eu já tô há , há oito anos , eu já ganho a hora aula máxima e eu não vou
 →20 ganhar mais do que ↓ isso: e eu acho um pouco: desmotivador assim. ↑
 →21 algumas coisas me deixam chateada e não me deixam, assim, me
 22 deixam chateada e me: talvez me: não me faça querer seguir com essa ↓
 23 profissão.

Tina faz diversas avaliações sobre a realidade que constitui o trabalho dos professores, e fornece detalhes das condições de sua atuação profissional, inclusive a concernente a sua situação como instrutora no seu local de trabalho – linha 2: “a gente é instrutor, não é professor. isso é meio esquisito”; “não precisa ser formado pra dar aula” – linha 7; “na carteira você tá como instrutor”, “tem salário de instrutor e o sindicato é o do instrutor” – linhas 8 e 9.

Configura a condição do professor a partir da oposição deste com o instrutor: a situação é avaliada como esquisita, incômoda, o instrutor não é obrigatoriamente formado e tem um salário pior (condições muito comuns na realidade de cursos particulares de idiomas), ressaltando a antiga distinção

discutida nas teorias da sociologia das profissões entre ocupação e profissão, considerando a obtenção ou não do diploma universitário (cf. capítulo 2 acima).

A questão salarial também é avaliada pela professora, assim como o plano de carreira oferecido pelo estabelecimento de ensino em questão. Tina segue com mais avaliações negativas de sua situação.

Essa sequência de avaliações negativas contribui, acredito, para o fortalecimento da coerência empregada por Tina na construção do projeto de mudanças em sua vida profissional. Ao dizer que está insatisfeita, interpreto, ela começa a desenhar um possível projeto de mudanças na vida profissional, iniciado desde o quarto segmento acima. Essa provável decisão, como vemos na finalização da explicação –linha 22 “talvez não me faça querer seguir com essa profissão” - é fortemente apoiada na frustração com a realidade difícil, detalhadamente descrita por ela.

Quanto à distinção estabelecida, pela professora, entre instrutores e professores, ela reforça o conhecimento e a experiência que tem das instituições de ensino. Faz isso criticamente, se construindo como consciente, preocupada, engajada e professora, estabelecendo, então, a oposição com os instrutores. Ressalto, ainda, o uso recorrente de itens lexicais que colaboram com a construção do cenário desfavorável que Tina estabelece. Estes itens pertencem a um plano de descrição da realidade contemporânea que, frequentemente, encara o ensino de línguas como venda de produtos no mercado: **empresa, multinacional, plano, pagar, funcionar** (Gee, 2000; Lankshear, 1997).

A entrevistada circula, constantemente, produzindo sentidos, em torno da oposição apresentada acima: **estabilidade profissional, ressaltando o alto valor do contato precoce com a língua inglesa X a insatisfação com o pagamento, a falta de reconhecimento profissional e os problemas vividos na realidade do professor de inglês.**

O próximo segmento, apresenta uma explicação cuja proposição estabelece que apesar de este não ser o emprego ideal, Tina consegue, não exclusivamente com o salário de lá, pagar as contas e ainda estudar. A entrevistada fornece detalhes da realidade vivida no curso de idiomas no qual

trabalha (aqui chamado bells). Inicia o terceiro tema depreendido em sua entrevista, composto dos três próximos segmentos.

III) A REALIDADE DA PROFISSÃO DE PROFESSOR DE INGLÊS

Segmento 7 – Explicação

ADAPTAÇÃO NECESSÁRIA ENTRE TRABALHO E ESTUDO

“... é bom porque me dá mais tempo...”

- 1 **Ana:** eles lá sabem que você faz mestrado, eles acharam legal e tal ↑ ou
2 não
3 **Tina:** pois é. eles ao mesmo tempo que: porque lá a gente tem um
4 esquema de escala de horário, de trabalho que é assim: você tem
5 um: horário x que é o > seu horário disponível pra escola < você
6 tem que ligar pra lá às sete horas, ou se tiver lá, e pega o horário do
7 dia ↓ seguinte. porque os alunos têm aula com professores ↓
8 diferentes . é tipo um sistema de rotação ° não sei como chamaria
9 assim °
10 **Ana:** ↑ ah: você não tem uma turma tua
11 **Tina:** não tem uma turma ↓ tua . o que ↑ é bom e não é ao mesmo tempo.
12 te dá uma maior flexibilidade de horário > mas você tem muito
13 pouco tempo pra ↑ preparar < ()
14 **Ana:** o material fica na tua casa
15 **Tina:** não. o material fica na escola . ainda tem isso
16 **Ana:** tem que chegar cedinho
17 **Tina:** ou já tá lá de noite . eu preparo assim ()
18 **Ana:** hum, hum
19 **Tina:** isso é bom e é ruim e é bom porque me dá mais tempo > tava
20 falando do mestrado < me dá mais tempo () fecho uns horários
21 lá: essa flexibilidade pra mim é muito boa
22 **Ana:** [muito boa]
23 **Tina:** pois é mas ao mesmo tempo eu acho que isso faz as coisas não
24 ficarem assim tão séria () tem o aluno, não tem não , não sabe
25 o que pode cobrar , tem um esquema () mas não tem aquele
26 vínculo () e isso também, pra mim, tá dentro do mesmo pacote
27 do instrutor que tá lá e vai embora
28 **Ana:** tá
29 que não tem muita responsabilidade > mas que pra mim acaba
30 sendo conveniente <
31 **Ana:** é
32 **Tina:** porque: vou fazer o ↑ que : eu tenho milhões de coisas pra fazer: eu
33 também dou aula particular, porque se não, não vou ter dinheiro pra
34 sobreviver só com o salário de lá ° entendeu° aí é isso

Ressalto como Tina refaz o seu dia-a-dia, descrevendo o funcionamento do curso onde trabalha e, reforçando, através das avaliações positivas e negativas que faz, a dualidade que experiencia. Consegue, assim, elaborar sua proposição inicial, de que apesar deste não ser o emprego ideal, ela usufrui de tempo disponível para continuar estudando.

Tina avalia o horário de trabalho, a metodologia do curso, a rotina de ensino e seu salário, elaborando sempre uma construção dual do que vive nesse cenário de trabalho: linha 11 “o que é bom e não é ao mesmo tempo” e linha 19 “isso é bom e é ruim”.

AVALIAÇÕES POSITIVAS	AVALIAÇÕES NEGATIVAS
“dá uma maior flexibilidade de horário”	“mas você tem muito pouco tempo pra preparar”
“é bom porque me dá mais tempo”	“isso faz a coisa não ficar tão séria”
“essa flexibilidade pra mim é muito boa”	“não sabe o que pode cobrar”
“tem um esquema”	“mas não tem aquele vínculo”
“pra mim acaba sendo conveniente”	“o instrutor que tá lá e vai embora”
	“não tem muita responsabilidade”
	“não vou ter dinheiro pra sobreviver só com o salário de lá”

Uma vez mais, Tina reforça a crítica que faz à atual condição da educação e das condições de trabalho do professor. Sua experiência como professora de cursos particulares de idiomas lhe fornece o conhecimento necessário para relatar o que encontra lá, com o olhar crítico de quem reconhece os problemas enfrentados. Ao encarar as prováveis faltas de vínculo e de responsabilidade como decorrentes, segundo sua interpretação, do “esquema” adotado pelo curso, e como negativas para o processo educacional, Tina fortalece sua construção do que vem a ser um professor para ela: faz novamente a diferenciação entre o professor e o instrutor, lembrando que este último só dá aulas e vai embora, não estabelece vínculos nem assume responsabilidades.

É claro que Tina justifica sua permanência nesse local de trabalho, apesar de todos os problemas, e faz isso estabelecendo relações de coerência ao que relata. Precisa permanecer nesse emprego, entre outras razões mencionadas anteriormente (acredita que sua situação é, comparada a experiências anteriores, confortável –“estou bem parada”) e outras que ainda serão abordadas adiante, porque aí tem um horário melhor, que lhe permite continuar os estudos de pós-graduação, além de lhe permitir dar aulas particulares também, já que o salário é mais um ponto negativo no estabelecimento de ensino em questão.

Cria, assim, causalidade em suas escolhas: a escolha pela permanência num emprego que apresenta vários problemas e não se encaixa no que, para ela, é um local que realmente valoriza os professores, é fortalecida pela apresentação de relações coerentes do que, como ela mesma diz, é conveniente para ela nesse momento de sua vida profissional e pessoal (como exposto no parágrafo acima).

Essa realidade é muito comum no meio de professores de inglês: dar aulas para sobreviver. As condições de trabalho são muito ruins, na sua maioria, e, como vem sendo discutido nessa pesquisa, a oferta de emprego para esses profissionais existe, e muitos aceitam os problemas para pagar as contas. O local de trabalho não investe na formação dos professores, não estabelece vínculo empregatício, não encara nem o ensino nem o profissional com seriedade. Esse universo de desvalorização é comumente parte da configuração do professor de inglês (Bokel, 2005; Fabrício, 2002; Gatti, 2000).

Uma vez mais, a construção do professor, opondo-o ao instrutor, remete a uma distinção mais profunda também muito abordada em estudos de educação e de sociologia: a profissão e a ocupação ou emprego (mencionada no capítulo 2 desta pesquisa). A profissão exigiria uma formação formal, especializada, com conceito de valoração em relação aos que não possuem o diploma, segundo estudos sociológicos (Diniz, 2001). Esse conhecimento adquirido, assim como o diploma, transforma-se em critério de diferenciação e de acesso a melhores cargos. Muito além do que a obtenção ou não de um diploma, no entanto, é a certeza de que a questão é bem mais séria: é fato que a educação como um todo e a carreira e formação dos professores não vem recebendo a devida atenção (Gatti, 2000; Tardif, 2002; e outros), o que gera, certamente, insegurança e insatisfação por parte dos professores, como reitera Tina ao se (re)configurar como professora de inglês.

No próximo segmento, ainda configurando a realidade de atuação do professor de inglês, Tina apresenta uma diferenciação entre os profissionais que, ela acredita, estabelecem vínculo com o ensino e com a instituição— os professores – e aqueles que atuam de uma forma, que segundo alguns autores (Clayton, 1989; Machado, 2004; Maley, 1992; Tardiff, 2002 - cf. capítulo 2) transforma a profissão de professor de inglês numa profissão permeável - com imensa facilidade e rapidez os profissionais entram e saem de seus empregos, sem criar vínculos (prática representativa da cena atual do trabalho – Bokel, 2005; Fabrício, 2002).

Segmento 8 – Explicação

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO

“ ... tem muita gente que sai muito rápido, ... ninguém trabalha oito que nem eu ... ”

- 1 **Ana:** é engraçado essa história do ↑ instrutor, eu tinha , eu já tinha
 2 ouvido essa história de instrutor só que no ↑ XXXX
 3 **Tina:** eles também são instrutores
 4 **Ana:** é: mas eles separavam , quem era mesmo, os instrutores, e botavam
 5 na carteira os professores, e até por causa de fiscalização mesmo
 6 **Tina:** ah: tá: ↓ bom. isso eu acho que pelo menos é mais justo com o cara
 7 que ↑ estudou, fez letras, fez quatro anos ° porque eu não sei como é
 →8 que é no colégio ° mas lá as pessoas trabalham um, dois anos e ↑
 →9 vão embora, ninguém trabalha: é muito raro ver alguém que
 →10 trabalhe oito > que nem eu tô < é: oito : ↓ anos, eu tô oito anos
 11 porque eu tô tentando acabar meus cursos enquanto: tenho um
 12 trabalho: que me dá essa flexibilidade também ↑ e por outro
 →13 lado, me dá ° uma carteira assinada ° mas tem muita gente que sai:
 →14 e: muito rápido e:
 15 **Ana:** é rotativo mesmo
 16 **Tina:** [super]
 →17 **Ana:** o pessoal vai entrando, vai saindo
 18 **Tina:** super, lá : por acaso, assim, na barra, agora, em quatro professores
 19 que a gente chama até de velha guarda ° assim ° hh
 20 **Ana:** hh
 21 **Tina:** que são quatro professores que entraram no mesmo ano ,e tem oito
 →22 anos de escola, agora, isso é raríssimo () porque a gente tá lá
 23 há oito anos e assim, a gente tá com a receita legal, assim, tudo que
 24 eles precisam que são os números e tal, > a gente tá dando pra ↓
 25 eles < ↑ mas isso é muito engraçado assim, tem essas coisas com as
 →26 quatro professoras que são a velha guarda e tem as que entram e
 →27 saem, que entram e que saem, que entram e que ↓ saem

Nessa proposição, Tina reforça a oposição entre os que ela entende como professores (elaborando uma construção de si própria como professora, dentro desses padrões que estabelece) e os instrutores. Consegue, dessa forma, valorizar características que possui para exercer bem tal função.

Valoriza quem fez faculdade de letras e, principalmente, quem se mantém no mesmo emprego há bastante tempo, como é seu caso, fortalecendo a construção dessa realidade com a avaliação que finaliza a explicação: linha 22 – “isso é raríssimo”, em oposição aos que “entram e saem”, encarando a profissão de professor de inglês como algo permeável.

Toda essa caracterização construída por Tina reflete a configuração do professor e do trabalho na atualidade: baixa remuneração, transitoriedade do vínculo empregatício, alta rotatividade de funções e de profissionais, falta de investimento na formação, insegurança e insatisfação (Bauman, 2000; Giddens, 2000; Sennett, 1999). Machado (2004) – cf. capítulo 2 acima - situa o trabalho do professor, especificamente, vivido na cena contemporânea, lembrando que a própria caracterização da atividade professoral não vem sendo tratada como trabalho, o que também exerce enorme influência na configuração e na valorização do professor de inglês hoje.

Inserida nessa cena atual, novamente a questão do vínculo empregatício é levantada por Tina, sendo entendida como ponto favorável para um profissional, além de ser um dos critérios que ela estabelece para criar uma construção coerente de quem é esse professor: batalhador, dedicado, comprometido com o ensino. Vale ressaltar (Sennett, 1999; Tardif, 2002 e outros - cf. capítulo 2) que esse professor trabalha e vive numa realidade contemporânea, na qual o estabelecimento e a própria manutenção de relações de vínculo, pessoais e profissionais, assim como a condução de carreiras profissionais estáveis parece estar em vertiginosa queda.

Mesmo assim, Tina busca fortalecer em sua proposição o que entende como professor, se construindo nestas bases e (re)definindo sua carreira e sua trajetória profissional.

Agora, através da crítica a uma determinada visão de ensino de línguas, estabelece uma diferenciação entre os que adotam essa prática e os que são contra, como ela. Finaliza aqui o terceiro tema depreendido, discutindo um pouco mais os aspectos característicos da realidade de atuação do professor de inglês.

Segmento 9 – Explicação

ENSINAR LÍNGUAS É UM MERCADO LUCRATIVO

“ ... como eles conseguem se diferenciar no mercado ... ”

- 1 **Tina:** mas a idéia é essa , eles tem esse objetivo, é essa a maneira como
2 eles conseguem se diferenciar no ↓ mercado, um curso pra classe
3 alta: () e tem imersão também, a gente tem muito esses cursos
4 assim, ↑ ah, amanhã, daqui há seis meses eu tenho que morar, > sei
5 lá < na alemanha pra comandar um grupo de não sei quantos
6 executivos > o que que eu faço < aí faz um super imersão, fica na
7 escola () vai almoçar com o professor, é porque eu, eu, assim,
→8 como professora eu não acho que isso dá certo, eu duvido assim,
9 um pouco, não acredito nesse tipo de:
→10 **Ana:** é artificial
→11 **Tina:** é um milagre que a gente sabe que não funciona e eles vendem isso
12 e o bells ganha muito dinheiro com isso
13 **Ana:** eles têm alemão, espanhol,
14 **Tina:** têm, alemão, italiano, francês, espanhol, ()
→15 **Ana:** é bem , é bem a cara do nosso mundo de hoje mesmo né, esse
→16 negócio assim de você precisar de uma coisa, mais imediatista,
→17 rápida, aí
→18 **Tina:** [pois é]
→19 **Ana:** você quer viajar, quer aprender rápido
20 **Tina:** isso, o bells é bem, e a proposta deles é assim , aprenda , todo curso
21 de inglês é assim, mas o bells () aprenda em dias até a maneira de
22 vender a coisa, eles vendem o pacote, de nível, assim () mais
23 ou menos
24 **Ana:** tem aluno que até consegue:
25 **Tina:** é: tem aluno que é até melhor () mais isso é uma briga também
→26 lá, nós, professores, você como professora sabe que isso às vezes
27 não é possível () isso é uma briga que acontece ↓ sempre: ()
→28 **Ana:** é complicado
→29 **Tina:** é: é difícil isso
→30 **Ana:** [é muito difícil]
31 **Tina:** eles tentam, montar as turmas por nível e: a gente dá uma primeira
→32 aula e: a decisão final é nossa e: eles escutam a gente bastante nisso
33 ()

- 34 **Ana:** é: é complicado
 →35 **Tina:** é: mas é louco isso: mas e essa coisa do mercado : de: transformar
 →36 o inglês , o ensinar inglês num: comprar uma bicicleta: não é: não
 37 é:

Tina defende nessa explicação a proposição de que o ensino de línguas é entendido nos dias de hoje como um produto à venda no mercado. Justamente ao elaborar essa caracterização, e se opor a ela, fortalece a construção de sua identidade profissional, se configurando como uma professora que não concorda com a atual forma “mercantilista” e negativa de lidar com a língua e seu ensino, se constituindo positivamente, então. Estabelece padrões para se construir dessa forma e se (re)caracteriza como uma professora preocupada com a educação e que não acredita nem concorda com essa visão de que se pode comprar até a língua, como num mercado (Bokel, 2005; Fabrício, 2002; Gee & Lankshear, 1995).

Prepara o cenário da visão mercantilista de ensino: “eles vendem isso”, “ganha muito dinheiro com isso” – linhas 11 e 12; “a maneira de vender a coisa”, “eles vendem o pacote” – linha 22; “essa coisa de mercado”, “o ensinar é comprar uma bicicleta” – linhas 35 e 36. E durante essa caracterização negativa, insere, positivamente, traços do que entende como ser professor, comprometido e que não acredita nessa visão mercantilista descrita: “como professora eu não acho que isso dá certo” – linha 8; “ a gente sabe que não funciona” – linha 11; “ nós, professores – sabe que não é possível” – linha 26; “a decisão final é nossa, eles escutam a gente” – linha 32. Também consegue, assim, se definir como uma professora que tem respaldo em seu local de trabalho, e como colocou anteriormente em outra proposição, já trabalha nesse estabelecimento há bastante tempo (oito anos), comparada a outros profissionais que ficam muito pouco tempo no mesmo local.

É interessante notar também que Tina e eu, entrevistadora, estabelecemos uma co-construção, ambas se caracterizando como professoras e compartilhando o fortalecimento da crítica a essa visão de ensino inserida no mercado atual: “nós professores”; “você como professora sabe” – linha 26. Posicionamo-nos como professoras e nos construímos como tais conjuntamente, durante essa interação.

Nessa co-construção realizada aqui, as avaliações feitas, tanto pela entrevistada como pela entrevistadora, e o vocabulário que usamos fortalecem essa relação:

Ana: entrevistadora – **artificial, imediatista, rápido, rápida, complicado, muito difícil.**

Tina: entrevistada – **milagre, pacote, difícil, louco.**

Estabelecemos desta forma, e reforçamos, uma construção conjunta de nossas identidades como professoras, utilizando um vocabulário negativo para descrever a realidade encontrada, enfatizando que somos contra este tipo de abordagem de ensino, nos configurando como professoras críticas e engajadas.

Na próxima proposição Tina volta a questionar sua permanência no emprego ou até mesmo na profissão de professora e intercala, uma vez mais, a construção da continuidade em sua trajetória profissional com um provável projeto que acarretaria mudanças nessa condição. Este e o próximo e último segmento analisado compõem o quarto e último tema proposto: a caracterização do professor entremeada por dúvidas.

IV) A CARACTERIZAÇÃO DO PROFESSOR ENTREMEADA POR DÚVIDAS

Segmento 10 – Explicação
CONTINUAR ?

“ ... não é uma coisa completamente resolvida na minha cabeça...”

- 1 **Ana:** você : disse que: hoje em dia: você foi ficando e foi gostando mas
2 no fundo : você acha que não, que quer ainda fazer uma outra
3 coisa: mas agora, de certa forma, deu continuidade aos estudos:
4 isso ainda ta muito forte em você: de: pagar suas contas ou: um
5 pouco:
6 **Tina:** não: assim: eu acho que hoje, talvez, eu me sinta um pouco: eu me
→7 acho uma boa professora, então: eu talvez, eu acho que de repente:
→8 eu tenho isso: > ↑ não é uma coisa completamente : resolvida na
9 minha cabeça : < eu sei
10 **Ana:** [determinada:]

- 11 **Tina:** que eu ↓ gosto . entendeu: e eu sei que se eu tiver a
12 motivação que eu preciso: > e eu sei que eu preciso < eu sei que eu
→13 vou ↓ continuar ↑ porque eu sei que eu faço bem , também, eu não
→14 duvido da minha qualidade de professora, eu acho que eu sei fazer,
→15 eu acho que eu tenho experiência, eu acho, eu sei identificar o que
→16 se precisa : ↑ e eu acho lindo , eu acho lindo ↓ ser professor e não
17 tenho muita vontade de sair dessa vida porque eu não sei mais o
→18 que eu ↑ gosto de fazer é isso que eu quero ↓ fazer ↑ só que a
19 minha dúvida é por exemplo se eu quero continuar num curso livre
→20 desses. Talvez se eu tiver uma escola, onde eu seja reconhecida
→21 como professora ou uma universidade : também tem a
22 questão do inglês é visto separado assim, no currículo
23 **Ana:** é verdade
→24 **Tina:** mas eu não tenho vontade de abandonar porque eu adoro também o
25 ↓ inglês mas e: eu não sei se tenho vontade de continuar ou não ,
→26 mas eu sei que eu gosto e: eu sei que eu faço ↓ bem e ↑ seria legal >
27 eu continuar <
28 **Ana:** e o mestrado pode te abrir portas pra: pra:
29 **Tina:** pois é:
30 **Ana:** pra um ↑ outro emprego
31 **Tina:** pois é ↓ o mestrado vai me dar uma qualificação , porque a minha
→32 faculdade é de bacharelado, eu não sou uma professora com
33 licenciatura e tal. Eu não poderia > por exemplo< tá dando aula
→34 numa escola hoje . eu não tenho nada. Tenho um bacharelado mas
→35 não serve . então: eu acho que ↑ a idéia do mestrado é exatamente ↓
36 essa: que me abra portas mesmo : mas que ao mesmo tempo me
→37 mantenha nesse mundo da sala de aula ° que é o que eu gosto de ↓
38 fazer °

Nesse segmento, Tina explicita suas dúvidas quanto à permanência no emprego atual e até mesmo na profissão de professora, mas reforça, por outro lado, sua identidade de professora e desenvolve, nesse sentido, avaliações positivas de sua condição como tal. Apresenta suas dúvidas, mas, ao mesmo tempo, se (re)constrói como professora que está numa situação bem estabelecida. Ressalto, porém, que Tina também faz algumas avaliações negativas acerca de sua formação, que não seria completa, segundo seus critérios, mostrando preocupação com uma melhoria em sua condição como professora. Refaz, brevemente, sua trajetória acadêmica, fornecendo detalhes que ainda não havia mencionado.

Escolhe ações que remetem a uma afiliação com a identidade profissional de professora: gostar da atividade, fazer bem a atividade, valorizar a atividade. Encaminha essa afiliação para um universo positivo da realidade que vive; em

contrapartida, também estabelece uma relação num universo, agora negativo, para descrever os problemas enfrentados, reforçando seu projeto de estabelecer prováveis mudanças profissionais. Sistematizo estes dois universos, positivo e negativo, no quadro abaixo:

UNIVERSO POSITIVO	UNIVERSO NEGATIVO
Eu me acho boa professora	Não é uma coisa completamente resolvida na minha cabeça
Mas eu sei que eu gosto	Não tenho nada
Eu faço bem (2x)	Não tenho licenciatura
Eu não duvido da minha qualidade de professora	Não serve
Eu acho que eu sei fazer	
Eu acho que eu tenho experiência	
Eu sei identificar o que precisa	
Acho lindo ser professor	
Esse mundo de sala de aula é o que eu gosto de fazer	

Tina reforça positivamente sua condição como professora até mesmo quando faz avaliações negativas, pois faz ressalvas quanto ao que ainda precisa melhorar. A própria preocupação em estar estudando, e melhorando sua formação, para Tina, reforça sua identidade de professora, crítica, engajada e dedicada.

Na verdade, o provável projeto que Tina pode estar iniciando, não envolve mudanças radicais em sua atividade profissional - ela afirma repetidamente que gosta do que faz e faz bem.

Este possível projeto seria uma mudança de emprego para um ainda melhor, conseguido também em função de uma continuidade nos estudos, já que ela está fazendo o mestrado. Alcançaria, conseqüentemente, uma melhora na formação, critério que ela entende como importante para se estabelecer como professora, como deixou claro em vários momentos nessa discussão.

Tina consegue estabelecer relações coerentes entre a situação que vive agora e as possíveis conquistas resultantes da continuidade dos estudos (o mestrado “abre portas”). As avaliações positivas que faz de sua situação presente

e de sua condição como professora fortalecem uma possível continuidade na profissão escolhida, mesmo que ela decida levar adiante um projeto profissional novo, mudando de emprego.

Semelhante à análise desenvolvida por Oliveira e Bastos (2002), num estudo com imigrantes portugueses em situação de entrevista, observo que Tina constrói sua relação com o trabalho e a profissão desvelando um processo coerente de configuração identitária. Esta afiliação à identidade profissional de professora de inglês ganha consistência a partir da inserção num universo significativo de auto-respeito, muita dedicação ao trabalho, certeza de sua competência e de suas habilidades profissionais. Assim, Tina busca valorização, reconhecimento profissional, pessoal e social.

No próximo segmento, Tina aborda a questão da desvalorização do professor, não só o de língua inglesa, inserido no cenário atual de nosso país. Novamente, ela e eu, entrevistada e entrevistadora, nos envolvemos num processo de co-construção do que entendemos da constituição do professor e da realidade que este professor de inglês vive nos dias de hoje.

Segmento 11 – Explicação

A DESVALORIZAÇÃO DO PROFESSOR

“ ... mas a gente mora num país onde infelizmente essa profissão não é valorizada ... ”

- 1 **Ana:** a gente sofre mas gosta
- 2 **Tina:** é engraçado, mas ser professor é isso :
- 3 **Ana:** é:
- 4 **Tina:** professor que se descobre professor assim: > ele é professor pro
- 5 resto da vida < ↑ mas é que a gente mora num país , infelizmente,
- 6 onde essa profissão: > aí não só o de inglês , qualquer professor <
- 7 é uma pessoa que não é valorizada, é uma pessoa que ganha
- 8 quinhentos reais por mês, e ↑ não dá
- 9 **Ana:** o médico é muito desvalorizado mas existe aquela magia em torno
- 10 do ser médico
- 11 **Tina:** é verdade
- 12 **Ana:** a sociedade dá credibilidade ↑ ah, fulano é médico

- 13 **Tina:** é, é, e professor sempre vem junto com professorinha no
 14 diminutivo, assim meio, e é péssimo isso, porque é ↑ lindo, pensa
 15 o que que você tá ↑ fazendo, pra mim é a primeira profissão, o
 16 médico não é médico se não tivesse sido ensinado por um
 17 professor, e ninguém mais é ninguém mas se não tiver um
 18 professor
 19 **Ana:** seja do que for
 20 **Tina:** se você tem o dom: e eu acho que tem muito isso ↓ também, essa
 21 diferença, pra mim o instrutor e o professor: eu acho que professor
 22 é o cara que ↑ sabe dar aula: que sabe perceber qual é a
 23 necessidade
 24 **Ana:** quis fazer isso mesmo
 25 **Tina:** ↑ é:
 26 **Ana:** [é verdade]
 27 **Tina:** e aqui no Brasil, no nosso cenário é a pessoa que sabe que nunca
 28 vai ser um ↑ milionário, que não dá, que não vai conseguir ()
 29 que não vai ganhar, que vai estar disposto a ↓ passar por isso
 30 **Ana:** é verdade:

Logo no início, eu e Tina nos envolvemos num processo de co-construção da realidade do professor fortemente ancorado na reprodução de um discurso vigente, circulante, desse profissional como desvalorizado, não-reconhecido e mal pago (linhas 1,2). Ao mesmo tempo, há um engajamento em uma co-construção de sentidos entre entrevistadora e entrevistada, ao passo que damos exemplos, descrevemos a realidade vivida com mais detalhes e aprofundamos proposições acerca da inserção do professor (aí, não só o de língua inglesa) no cenário de nossa sociedade: “ganha 500 reais por mês”, “não é valorizada”, “não dá” – linhas 4 a 8.

Durante esse processo, algumas avaliações realizadas por Tina auxiliam na construção que ela desenvolve desse professor: é um profissional desvalorizado, discursivamente, inclusive, desmerecido (“é péssimo”); embora alcance, como nós duas fazemos questão de frisar, a posição de profissão primeira, extremamente importante para a formação de outros profissionais da sociedade (“é lindo” – linha 14). Uma vez mais a configuração identitária desenvolvida por Tina é entremeada por uma oposição: **a importância de ser professor, do que isso representa para uma sociedade X o desmerecimento e a desvalorização que estes professores enfrentam, mesmo assim.** Essa contradição, aponta

Tardif (2002), leva a uma proposição significativa: é de se esperar que houvesse um reconhecimento social positivo do papel desempenhado pelos professores, mas isso nem sempre acontece.

Observo no discurso de Tina, a preocupação em estabelecer, segundo seus critérios, a relação instrutor x professor. Assim como fez durante toda a entrevista, valoriza positivamente as qualidades do professor, processo do qual participo conjuntamente: “sabe dar aula”, “percebe a necessidade”, “quis fazer isso”. Também reforça, assim, o processo de construção de sua identidade de professora, ressaltando, nessas características que avalia positivamente, muitas que já mencionou anteriormente, na própria entrevista.

Embora alcance, dessa forma, uma coerência em sua escolha profissional e reforce a trajetória que seguiu até aqui, Tina também atribui valores negativos, inseridos no discurso vigente no meio profissional dos professores, ao que parece; assim, desenvolve uma face da caracterização do professor hoje: “nunca vai ser um milionário”, “não dá”, “não vai conseguir”, “não vai ganhar”, “vai estar disposto a passar por isso” (reprodução do discurso de conformismo: a realidade é assim mesmo e não se pode mudá-la – discurso muito comum entre professores) – linhas 21 a 30. Machado (2004) lembra que tanto o discurso oficial, dos documentos, mas também o próprio discurso do senso comum aponta o professor como alvo de críticas, gerando incertezas, insegurança e mal-estar. A “sacerdotização” do magistério, tomando tal atividade como dom ou vocação, também é uma prática discursiva muito comum na sociedade, como menciona Tina (se descobre professor, tem o dom). Sacerdotização esta, que envolve, muitas vezes, um certo conformismo: o professor enfrenta uma péssima realidade profissional, mas não há o que fazer – ele é professor porque tem o dom, nada mudará isso, aguentará a dura realidade para exercer seu dom.

É interessante notar que todo esse processo desenvolvido por Tina, ao se caracterizar como professora, que compartilha das construções discursivas existentes, é significativamente reforçado pela co-construção na qual nos engajamos, eu, entrevistadora, e Tina, entrevistada, ambas professoras.

5.1.1.

Fazer isso pro resto da vida? Um caminho de sucesso e dúvidas

Acredito, ao chegar a algumas considerações finais acerca da construção da trajetória profissional e acadêmica de Tina, assim como de sua identidade profissional, que a professora entrevistada traçou seu caminho e seu discurso com base em três pontos centrais. Primeiramente, Tina deixa clara a importância que o contato precoce, constante e de qualidade com a língua inglesa teve em sua decisão de tornar-se professora da língua, influenciando, significativamente, a posição bem sucedida, sob alguns aspectos, que obteve até aqui **(segmentos 2 e 3)**.

Na verdade, o domínio da língua e a também precoce experiência nas salas de aula de um curso de idiomas, além de aulas particulares, fizeram com que Tina decidisse buscar uma preparação formal específica para atuar como professora. Decide, então, após breves passagens por outros dois cursos universitários (administração e história), fazer faculdade de letras **(segmento 2)**. Explica, mais tarde em nossa entrevista, que fez a formação em bacharelado, não tendo obtido a licenciatura (necessária para trabalhar em escolas públicas, algumas particulares e até alguns cursos de idiomas – embora estes últimos em muito menor número).

Em segundo lugar, Tina destaca aspectos, qualidades e características positivas de sua situação profissional atual que propiciam uma construção de uma carreira de sucesso, na qual a professora é reconhecida e valorizada dentro de determinadas possibilidades, oportunidades, como ela coloca, que se apresentam **(segmento 11)**. Reforça, da mesma forma, como é importante a profissão de professor e focaliza, também positivamente, as características de sua trajetória profissional e de si própria que a auxiliam na construção de sua identidade profissional de professora, criando aí, discursivamente, um sentido de pertencimento (Duszak, 2002).

Apesar dessa construção positiva de si e da profissão, Tina mostra-se, com muita clareza, ciente das dificuldades que cercam a inserção do professor em nossa sociedade **(segmentos 4, 5, 6 e 8)**. Como terceiro ponto central, acredito que ela discute essas dificuldades enfatizando a falta de estímulo por parte dos empregadores, os salários ruins e a desvalorização que o professor enfrenta, de forma generalizada, da sociedade. Reforça aqui, juntamente comigo,

entrevistadora, a crítica a um discurso vigente, de auto-piedade, enfatizando que os próprios professores deveriam se valorizar mais.

Ao traçar esse aspecto negativo da profissão, dá especial atenção ao fato de saber que seu emprego atual não é o ideal, quase não consegue pagar as contas só com ele, dando aulas particulares também; mas consegue aí, um horário mais flexível que permite que ela dê continuidade aos estudos **(segmento 7)**. Começa a cogitar traçar um caminho que permite duas experiências distintas: continua os estudos de pós-graduação, dentro da área de letras, reforçando e aperfeiçoando sua condição de professora, trilhando o caminho do sucesso? Ou muda de profissão e busca algo mais valorizado e reconhecido, que apresente menos dificuldades **(segmento 10)**? Estabelece-se um conflito entre a trajetória que ela já construiu até aqui e um provável projeto, que acarretaria mudanças em sua condição profissional. Os problemas enfrentados constituem uma realidade oposta à bem sucedida, fio condutor de sua trajetória profissional. Essa outra face da caracterização do professor de inglês e de sua realidade de atuação encaminha um projeto individual que pode vir a trazer mudanças profissionais para Tina. É de se esperar, como discutido anteriormente (Gatti, 2000; Mishler, 1999; Tardif, 2002; Tardif & Raymond, 2000 – cf. capítulo 2), que os aspectos constitutivos da realidade contemporânea na qual os professores estão inseridos exerçam considerável influência na sua constituição como tais e na elaboração e condução de projetos futuros de atuação profissional.

Acredito que as avaliações realizadas por Tina facilitam muito o estabelecimento das relações de coerência em seu discurso, até mesmo desse conflito vivido por ela. Consegue fazer a ligação coerente entre gostar do que faz e achar a profissão de professor importantíssima, com suas avaliações positivas: “é lindo”, “eu gosto”, “sou reconhecida”, “tô bem”, entre outras; mas, por outro lado, as avaliações negativas também participam do mesmo processo, só que na construção de uma realidade difícil, frustrante e que viabilizaria a escolha por um projeto de mudanças profissionais: “não é valorizada”, “não dá”, “não sei se quero fazer isso pro resto da vida”, “tenho medo”, “não sei se quero isso pra sempre”, e outras.

Dessa forma, Tina contextualiza e reforça sua condição como professora. Os caminhos que segue, a trajetória que percorre, as qualidades que enfatiza, assim como a discussão dos problemas que circundam a profissão de professor,

constituem, conjuntamente, o processo de construção de sua identidade profissional. Também fazem parte desse processo, com certeza, as dúvidas que Tina enfrenta e a provável adoção de um projeto de mudanças em sua vida profissional. Toda essa experiência vivida, as discussões que desenvolve e a caracterização do projeto que pode vir a seguir, participam do processo de afiliação à identidade profissional de professora que Tina estabelece, discursivamente, em sua entrevista (De Fina, 2006; Duszak, 2002).

5.2.

Satisfação e dúvidas de uma professora em formação: a trajetória de Bia

A entrevista a seguir foi realizada com Bia, filha de uma professora de inglês. Bia tem 20 anos, faz curso de letras numa universidade pública e aceitou participar da entrevista por contato feito através de uma amiga minha que trabalha com sua mãe. Para tal, me convidou para ir a sua casa, onde mora com os pais e as duas irmãs. A irmã mais velha também dá aulas de inglês em um curso de idiomas, mas só aos sábados e, como elas colocam, para ajudar a se sustentar um pouco; já que sua formação é em farmácia e ela faz estágio na sua área. Bia já trabalha há dois anos em cursos particulares de idiomas e também dá aulas particulares. Nossa entrevista, realizada em 2007, durou um pouco mais de duas horas, mas estive lá uma semana depois e conversamos um pouco mais, pois a primeira gravação não tinha ficado de boa qualidade. A transcrição aqui analisada é proveniente desse segundo encontro. Pareceu-me enriquecedor, na época da escolha dos entrevistados, conversar com uma pessoa mais nova que ainda estivesse estudando, e trabalhasse, como é seu caso.

A entrevista foi dividida em segmentos para o processo de análise, como as anteriores, num total de seis. Na análise de alguns deles observo o desenvolvimento de breves narrativas, mas eu os classifico como explicações, pela sua estruturação geral, segundo a classificação de Linde (1993), adotada aqui.

Nessas explicações a narradora desenvolve proposições acerca das quais se estende durante a entrevista.

Cada segmento, da mesma forma que organizei anteriormente, recebe um título que contém a proposição defendida por Bia. Além disso, seleciono um pequeno trecho da fala da entrevistada para cada segmento em questão, reforçando, assim, o que ela vai desenvolver a seguir. Divido esses segmentos, para sistematizar a análise, em temas:

- I) **incertezas de Bia** (segmentos 2, 3)
- II) **a caracterização do professor de inglês hoje** (segmentos 4, 5, 6)

Observo e discuto, na análise que realizo agora, como Bia se constrói como professora de inglês e que mecanismos discursivos e interacionais utiliza. Levo em consideração também como ela cria e reforça relações de coerência (Linde, 1993) em seu processo de construção da identidade profissional de professora de inglês. Crucial para esse processo é a discussão da utilização das avaliações que Bia faz e como elas fortalecem, não só o ponto do que é narrado, mas também a carga dramática do próprio discurso (Labov, 1967). Elas auxiliam, com a mesma intensidade e eficácia, a (re)criação da realidade vivida pela professora, detalhada por ela durante a entrevista.

Também ressalto a minha participação como professora entrevistadora, me envolvendo, diversas vezes, em processos de co-construção de identidades e realidades com Bia. Nesses processos, discutidos a seguir, tomo como fio condutor da análise a reconstrução da trajetória profissional da professora entrevistada e como ela lida com a elaboração de possíveis projetos futuros.

O primeiro segmento apresentado é o que chamei de contextualização da entrevista, desta vez, apresentada pela entrevistada, que pede maiores esclarecimentos sobre meu interesse de estudo. Já aí, desde o início, Bia apresenta dúvidas em relação à profissão. Esse será um ponto recorrente na condução de sua trajetória e na elaboração de possíveis projetos futuros.

Segmento 1 – Contextualização da entrevista (introduzida pela entrevistada)

“.. o que você quer enfatizar com essa nossa conversa?”

1 **Bia:** assim, eu não sei o que que você tá querendo enfatizar: com essa nossa
2 conversa, mas eu imagino assim, porque você escolheu logo o inglês,
3 porque você quis dar aula de inglês:

4 **Ana:** porque você ↑ quis dar aula? quando a tua irmã falou pra você ir: pra você
5 começar: você ficou assustada, você achou que era isso mesmo que você ↑
6 queria:

7 **Bia:** hoje > eu tô no quarto período da faculdade < aí eu paro e penso, hoje,
→8 caramba, será que eu vou ficar dando aula pro resto da minha vida porque:
9 eu vou ser muito sincera com você > eu só sou sincera assim com a minha
→10 mãe < eu falo ↑ mãe, eu não sei se eu quero isso pra minha vida ↑ toda,
→11 não sei:

12 **Ana:** ° não é porque é muito nova: °

→13 **Bia:** eu vou fazer yinte já, não sei se eu quero isso, não sei, não sei se eu
→14 quero isso pra vida toda assim eu tenho medo de:

15 **Ana:** cansar?

16 **Bia:** é:

Bia já deixa claro, desde o início da entrevista, que tem dúvidas em relação a sua permanência como professora de inglês por muito tempo. Uma série de repetições, elaboradas por ela, reforçam essa noção de dúvida. Essas repetições ocorrem com frequência durante o discurso da professora entrevistada, como ressaltarei a seguir, e nesse primeiro segmento destacado, enfatizam o estabelecimento da dúvida em relação à profissão. De acordo com a classificação de Tannen (1989), Bia realiza repetições exatas, também chamadas de paráfrase e repetições com pequenas variações, como apresento abaixo:

Entre as linhas 8 e 14, a entrevistada repete, com pequenas variações, a mesma estrutura:

Linha 8 - “será que eu vou ficar dando aula pro resto da minha vida”

Linha 10 - “não sei se eu quero isso pra minha vida toda”

Linha 13 - “não sei se eu quero isso”

Linha 14 - “não sei se eu quero isso pra vida toda”

A própria repetição idêntica da estrutura “não sei” – linhas 11 e 13, marca bem a dúvida que vive e será utilizada ainda diversas outras vezes durante a entrevista, como recurso discursivo e interacional de valor significativo para os sentidos que constrói.

Como aprofundarei no decorrer da análise, essa construção de dúvidas permeará toda a trajetória profissional de Bia, assim como a elaboração de um projeto futuro.

No próximo segmento, uma explicação, Bia começa a traçar sua trajetória profissional, dando ainda muita ênfase à dúvida que permeia seu discurso, reforçando também essa dúvida com as repetições que utiliza. Este segmento e o terceiro compõem o primeiro tema depreendido na entrevista: as incertezas de Bia.

I) INCERTEZAS DE BIA

Segmento 2 – Explicação

UMA TRAJETÓRIA MARCADA POR DÚVIDAS

“... não sei se quero isso pra minha vida toda”

- 1 **Bia:** tem vezes que eu chego do club cansada sabe , eu chego assim, caraca,
 →2 dá trabalho (), eu não sei, eu não sei, o que eu sei é, eu não sei se eu
 →3 quero isso pra minha vida ↓ toda, eu hoje , eu trabalho > e quando a
 4 minha irmã veio falar comigo < eu achei assim uma idéia super
 5 interessante porque eu não fazia ↑ nada , absolutamente nada: > falei
 6 bom < vou começar a dar aula, vou começar a ganhar meu dinheirinho:
 7 isso também conta
 →8 **Ana:** claro
 →9 **Bia:** e eu comecei e as coisas foram dando certo, assim, os alunos gostam,
 10 eles não querem mudar de professora, isso aconteceu no club e está
 11 acontecendo agora no young, assim, por mais que eu diga que não quero
 12 isso pro resto da minha vida, eu tô, me ↑ saindo bem, quem sabe não é
 13 pra minha vida e: > não sei< quando a minha falou deixa seu currículo
 14 lá também >porque você faz letras, faz letras < eu lembro que ela falou
 15 assim , aí mandei, fiz a prova, passei, comecei a dar aula, comecei a
 16 ganhar meu dinheirinho, eu comecei a gostar daquele negócio de dar
 17 aula, mas ao mesmo tempo eu chegava em casa cansada, falava poxa,
 18 que saco cara, não sei se falo saco porque tô cansada, tive faculdade de
 19 manhã ou porque eu não gosto do aluno e tal ↓ não sei

Esta explicação apresenta três breves narrativas encaixadas, que funcionam para discutir sua motivação para continuar ou não a dar aulas. O discurso de Bia é fortemente elaborado com base em suas dúvidas. É interessante notar a particularidade que toma a estrutura dessa explicação. Ao desenvolver sua proposição, Bia vai, ao mesmo tempo, inserindo as narrativas (destacadas a seguir), que dão conta de sua trajetória profissional e acadêmica inicial.

Ao elaborar a primeira narrativa breve, Bia fornece, na linha 4, uma orientação temporal do que irá aprofundar adiante: “quando a minha irmã veio falar comigo”, seguindo com uma avaliação: “eu achei assim uma idéia super interessante”. As avaliações e também as repetições estarão o tempo todo entrecortando a narrativa de sua trajetória. Antes de seguir com uma série de orações narrativas, Bia introduz a idéia de que seu início como professora foi para começar a ter seu próprio dinheiro, deixando claro que obteve sucesso muito cedo: “vou começar a ganhar meu dinheirinho” – linha 6; “as coisas foram dando certo” – linha 9.

Como ouvinte, neste ponto, faço uso de um marcador discursivo que reforça meu interesse por sua fala, linha 8 - “claro” e também, minha concordância em relação ao fato de que ao começarmos a dar aulas cedo podemos ganhar nosso próprio dinheiro, o que é um atrativo. Entre as linhas 9 e 12 - Bia se constrói como uma professora de sucesso, até agora.

A segunda narrativa breve é iniciada na linha 9, seguida da avaliação de que obteve sucesso – linha 12. Após essa última avaliação, Bia volta a elaborar outra parte de sua terceira narrativa breve. A orientação temporal aqui é semelhante à anterior: “quando a minha irmã falou” linha 13 – e em seguida Bia fornece uma série de orações narrativas – linhas 15 e 16 – que reforçam a construção de sua trajetória profissional como uma trajetória de sucesso.

Bia estabelece, assim, coerência ao que narra: era aluna de Letras, a irmã já dava aulas, mesmo sendo de outra área, e ganhava seu dinheiro. Bia, então, se anima, não estava fazendo nada além da faculdade, começa, ganha seu próprio dinheiro, gosta. Os alunos também gostam, obtém sucesso e vai, como explica, permanecendo nessa atividade. No entanto, é crucial ressaltar a constante presença da dúvida que acompanha Bia, marcando a noção que ela tem de que sua trajetória é uma de sucesso e que talvez continue, mas logo em seguida os questionamentos já voltam, na forma da repetição recorrente, iniciada no segmento anterior: “não sei” – linhas 2, 13, 18 e 19.

Assim como no segmento analisado acima, essa repetição exata, ou paráfrase, é realizada diversas vezes, reforçando a dúvida da professora entrevistada e entrecortando a própria trajetória que ela percorre, assim como a repetição com pequenas variações acerca de sua permanência nessa atividade profissional.

Durante esta explicação entrecortada por uma narrativa, Bia refaz sua trajetória de sucesso, mas sem deixar de lado os problemas; reforçando sua proposição inicial de que tem dúvidas. Mescla, de tal forma, sucesso com a escolha certa da profissão (gosto, eles gostam de mim, me saindo bem, super interessante) com dúvidas reforçadas pela dura realidade (fico cansada, não sei, não quero isso pro resto da vida). Esses questionamentos ainda vão aparecer em outros momentos da entrevista.

Esse segmento marca o início da (re)criação da trajetória profissional de Bia durante a entrevista. Com o desenvolvimento da análise ficará mais evidente que essa trajetória será (re)construída tendo esse sentimento de sucesso mesclado com dúvidas como fio condutor do caminho profissional percorrido por Bia.

O próximo segmento, ainda dentro do primeiro tema, é também uma explicação que reforça as incertezas que Bia experiencia em relação ao seu futuro profissional.

Segmento 3 – Explicação

INCERTEZAS QUANTO AO FUTURO

“... não me vejo dando aula com a idade da minha mãe”

- 1 **Ana:** é: você acha que a profissão da tua mãe te influenciou de ↑ alguma forma
- 2 **Bia:** eu acho que ↓ não. ela começou que nem eu,ela era boa, teve convites, aí
- 3 casou e não foi , eu sou igual a ela, mas eu não quero > não que a minha
- 4 mãe ganhe mal< ou não esteja feliz
- 5 **Ana:** hum, hum
- 6 **Bia:** mas é a droga da pergunta na minha cabeça. eu paro > às vezes < e não
- 7 me vejo dando ↑ aula > com a idade da minha mãe < não vejo, não posso
- 8 pensar em dinheiro, eu sei, é prazer
- 9 **Ana:** mas nem tanto ao mar nem tanto a terra
- 10 **Bia:** eu sei. tem que ter um salário também () fico angustiada > falei pros
- 11 meus pais< não gosto, não quero, aí minha mãe, mas minha filha, mas os
- 12 alunos te elogiam tanto, aí eu não sei, eles falaram, quer sair, eu falei não,
- 13 é tão confuso, eu não sei, eu não sei, o que eu sei é que eu não sei se quero
- 14 isso pra minha vida toda, o inglês, o inglês eu adoro ()
- 15 e na faculdade tem gente tão pedante, não quero isso, não quero mesmo.
- 16 assim, não quero dar aula no cursinho , não quero dar aula no cursinho a
- 17 vida toda, não quero mesmo
- 18 **Ana:** a saúde não agüenta
- 19 **Bia:** se essa for mesmo a minha profissão, quero partir pra uma escola melhor
- 20 eu às vezes acho que comecei a trabalhar muito cedo, tinha que me
- 21 dedicar aos estudos ()

- 22 **Ana:** o curso explora. eles não tão interessados se você quer crescer, estudar ,
 23 fazer mestrado > o salário nem varia< eles querem você lá, ralando
 24 **Bia:** [é barra]
 25 **Ana:** é uma outra cabeça, é outra cabeça
 26 **Bia:** [é barra, é barra]
 27 **Ana:** vida de curso é difícil, tenho saudade da minha diretora, da minha filial,
 28 dos alunos, mas:
 29 **Bia:** não quer isso de novo
 30 **Ana:** não, não tenho mais saúde () eu tô velha pra isso
 31 **Bia:** mas eu tô nova e também não quero , você tá falando aí e eu também não
 32 quero isso, tô nova mas essa correria de van tá me matando () e o peso
 33 da mochila()
 34 **Ana:** cansa, cansa, essa vida cansa, cansa, você: pregar no deserto, porque às
 35 vezes você prega no deserto
 36 **Bia:** hum, hum

A proposição defendida por Bia, que é moldada com base nas incertezas que ela tem em relação ao seu futuro profissional, é aprofundada com o auxílio de avaliações positivas e negativas que ela faz de sua realidade. Assim, também é possível para Bia se construir como uma professora crítica, preocupada e consciente da realidade que tem que enfrentar:

AVALIAÇÕES POSITIVAS	AVALIAÇÕES NEGATIVAS
O inglês, eu adoro	É tão confuso
Eles te elogiam tanto	Acho que comecei a trabalhar muito cedo
	É barra
	Fico angustiada

Essas avaliações, assim como as repetições que sistematizarei a seguir, auxiliam a construção coerente de Bia como uma professora preocupada em continuar os estudos, que gosta do que faz, mas que sente a pressão das dificuldades na hora de decidir se quer isso para sempre. Reforça assim, a proposição inicial dessa explicação. Bia quer estudar mais e trabalhar em um lugar melhor. Quer crescer profissionalmente, mas tem consciência das dificuldades que se apresentam. Avalia e descreve, com a minha contribuição como entrevistadora, num processo de co-construção de significados, a realidade nas instituições de ensino que conhece e nas quais atua, fazendo isso criticamente.

Bia começa a desenvolver aqui o seu projeto individual de buscar prováveis mudanças para seu futuro profissional. Esse futuro ganha forma num universo de incertezas: Bia não sabe se vai prosseguir na mesma profissão para sempre. Nos próximos segmentos, a caracterização do professor de inglês na cena atual que a entrevistadora desenvolve reforçará esse cenário de incertezas que entrecruzam uma trajetória construída como bem sucedida.

Ressalto, assim como anteriormente, a função das repetições que Bia realiza. Elas reforçam a idéia central de sua proposição, baseada em dúvidas, e também reforçam a co-construção do discurso entre ela e eu, entrevistada e entrevistadora – algumas são repetições idênticas e outras apresentam pequenas variações lexicais ou na estrutura, mas se repetem semanticamente (paralelismo lexical ou semântico – segundo Tannen, 1989):

“mas eu **não quero**”, “**não gosto**”, “**não quero**”, “**não quero** isso”, “**não quero** mesmo” (linhas 3, 6, 11, 15)

“**não sei se quero** isso pra minha vida toda”, “eu **não me vejo** dando aula na idade da minha mãe”, “**não me vejo**” (linhas 7 e 14)

“eu **não sei**”, “eu **não sei**” (linhas 12 e 13)

“é **barra**” (linhas 24 e 26), “**cansa**” (linha 34)

É importante acrescentar aqui que entre as linhas 22 e 30 participamos, co-construindo significados, da elaboração da realidade dos cursos de idiomas, realidade que nós duas conhecemos bem, construída numa combinação preocupante, frustrante e incerta de pouca valorização, falta de políticas de carreira e falta de vínculos empregatícios. Realidade esta muito resultante da atual concepção de trabalho e, claro, de ensino (Fabrício, 2002; Giddens, 2000; Machado, 2004; Sennett, 1999). Reforçamos assim, com o auxílio das repetições e das avaliações, a descrição dessa realidade que fortalece, estabelecendo coerência, as dúvidas pelas quais passa Bia, e, também, nos engajamos num processo conjunto de construção de identidades profissionais de professoras de inglês. Essas dúvidas, como apresentei anteriormente, se constituem como fio condutor da trajetória profissional de Bia.

O próximo segmento é uma explicação que defende a proposição de que a desvalorização que o professor sofre em nossa sociedade. Depreendo, nesse

segmento, o início do segundo tema, acerca da caracterização do professor de inglês no cenário contemporâneo. Esse tema será desenvolvido através de três teses:

segmento 4: desvalorização desse professor

segmento 5: as dúvidas que surgem devido à experiência vivida na dura realidade profissional

segmento 6: a crença na importância da continuidade dos estudos apesar de toda a dificuldade.

II) A CARACTERIZAÇÃO DO PROFESSOR DE INGLÊS HOJE

Segmento 4 – Explicação

A DESVALORIZAÇÃO DO PROFESSOR

“ não é qualquer um, tem que estudar ”

- 1 **Ana:** vocês comentavam sobre a importância das matérias ()
- 2 **Bia:** ah , sim, todo mundo falava inglês > fala sério< sempre tem , na época de
- 3 colégio, na faculdade, ↓ existe sim
- 4 **Ana:** você acha que isso desvaloriza um pouco, a nossa profissão
- 5 **Bia:** acho que não desvaloriza a matéria , é tão importante quanto, pra mim: eu
- 6 não sou a coitada de mim, eu dou aula de inglês, ↓ isso não. mas o que as
- 7 pessoas falam é isso, fala sério, inglês, até quando falei que ia fazer
- 8 faculdade de letras > mas não é assim< na nossa área > não é qualquer
- 9 um< tem que estudar, eu sei que a visão dos outros é essa, mas não
- 10 coincide com a realidade
- 11 **Ana:** você lembra de você ↑ criança e vendo o dia-a-dia da sua mãe
- 12 **Bia:** lembro
- 13 **Ana:** ela reclamava, você achava legal ou ↓ não
- 14 **Bia:** achava o ↑ máximo, eu ficava brincando > fiz meu pai comprar um
- 15 quadro branco< e eu achava o máximo, ela ficava corrigindo prova e ela
- 16 me mostrava () e eu dava aula, brincava sozinha > fazia minha irmã de
- 17 aluna< ensinava português , olhava o dia-a-dia da minha mãe ()
- 18 **Ana:** e você hoje acha que é igual, essa realidade ou é pior ou é melhor?
- 19 **Bia:** depende da turma, é melhor em um aspecto e pior em ↓ outro, na
- 20 realidade os alunos não participam () eu preparo tudo, eu explico, eu
- 21 mostro, eu faço jogo > eu agora já tô fazendo mais coisa < tem música
- 22 **Ana:** e eles gostam
- 23 **Bia:** adoram
- 24 **Ana:** eles amam . você: falou que fica cansada :, tem que ter saúde, tem
- 25 idade, essa vida de cursinho não dá pra ser pra sempre . mas apesar
- 26 disso você vê coisa boa? o que que superou: suas expectativas o que:
- 27 que você vê que: foi uma ↓ decepção:

- 28 **Bia:** eu não sei se é muito bem isso ↑ mas: a decepção no friends , o dono,
 29 tal, mas no club eles não valorizam muito o que a gente ↓ faz , eles
 30 acham que o que a gente faz > não é mais do que a nossa ↓ obrigação<
 31 você fica ali, agüentando ↑ não é só ↓ obrigação, você tá se dedicando ,
 32 curso ou escola, não te valorizam , assim () esse pouco caso ,
 33 fofocas, intrigas, irrita: fala da coordenadora ()
 34 **Ana:** parece que nosso trabalho não é sério :
 →35 **Bia:** é: se você não estudar muito, você não consegue se sustentar, tipo ter
 →36 uma casa, isso me decepciona, me desmotiva, pra você conseguir um
 37 salário legal, que dê assim, pra te sustentar, pagar as contas, né, ter sua
 →38 casa, tem que estudar bastante, se você só trabalhar em cursinho > não
 39 vai conseguir <
 40 **Ana:** é: e no cursinho é uma vida curta, é uma vida útil curta, chega uma
 41 hora que não tem, gente, saúde que agüente
 42 **Bia:** não tem saúde, e ele vai ↓ tchau, eu conheço várias professoras do
 43 culture assim, várias, da minha época , que me davam aula, e logo
 44 depois que eu saí foram mandadas ↑ embora , quinze anos de casa,
 45 mandaram viajar, o culture investiu, então assim, é tchau, é a
 46 insegurança, enfim, não é pra vida toda ↓ não é

Uma vez mais Bia se constrói como uma professora participativa, dedicada e responsável; contrastando a boa formação e seriedade dos professores com a forma desvalorizada como são encarados na sociedade. As avaliações positivas e negativas que faz, no decorrer de sua explicação, fortalecem essa construção e também reforçam o desenvolvimento de sua proposição inicial – a desvalorização do professor.

A narrativa breve encaixada entre as linhas 14 e 17 reforça esse contraste ao defender a tese de que Bia “brincava” de professora, e hoje, a realidade, muito difícil, a faz pensar e repensar a decisão de seguir com essa profissão.

Esse perfil do professor bem formado e sério contrasta com a dura realidade de desvalorização e decepção encontrada: “isso me decepciona”, “me desmotiva” (linha 36), que caracteriza o professor do curso de idiomas praticamente como um profissional temporário. Ou como ela resume: “você tá se dedicando, curso ou escola, não te valorizam” (linhas 31 e 32). Essa realidade descrita e avaliada por Bia fortalece também sua insegurança em continuar nesse tipo de trabalho. Essa é uma realidade profissional muito comum nos dias atuais: insegurança, falta de estabilidade e de confiança no futuro (Bauman, 2000; Fridman, 2000; Giddens, 2000; Sennett, 1999; entre outros) ressaltada aqui, por Bia, através desse contraste estabelecido pelo uso cuidadoso de suas avaliações. O

professor de cursos particulares de idiomas é equiparado com um profissional temporário, sem vínculos, aparentemente, sem a chance de desenvolver uma carreira. Com essas avaliações, Bia constrói sentidos, dando valor ao universo ao qual pertence e estabelecendo relações coerentes para a realidade que (re)cria, fortalecendo esse pertencimento (De Fina, 2006; Duszak, 2002).

Ao mesmo tempo, a professora entrevistada consegue estabelecer coerência ao tipo de trabalho que realiza como professora. Mesmo inserida nesse contexto de insegurança e de falta de reconhecimento, continua estudando, buscando construir uma carreira sólida que possa lhe oferecer outras opções melhores de emprego e de vida profissional e socioeconômica. A linearidade e a estabilidade de sua trajetória profissional são construídas apesar de Bia estar ciente dos problemas que sua escolha profissional acarreta.

Na próxima explicação Bia reforça as dúvidas que tem em relação à profissão e insere uma pequena narrativa, através da qual descreve com mais detalhes a realidade vivida nos cursos de idiomas. Ainda dentro do segundo tema proposto, a caracterização do professor, Bia se detém com mais detalhes no dia-a-dia que enfrenta e nas dúvidas que tem quanto a sua permanência nessa atividade.

Segmento 5 – Explicação **AINDA OUTRAS DÚVIDAS**

“não é pra vida toda, não é definitivamente”

- 1 **Ana:** eles são corretos, assinam carteira, pagam férias, tudo
 2 **Bia:** pois↓ é , no friends eu achava, quando comecei , que era mas não era. tudo
 3 assim, não pagavam > nem pagavam passagem < () no club eu levei
 4 um choque . é tudo muito certinho, certinho mesmo. assinam minha
 5 carteira como instrutora porque eu não sou formada ainda () . o young
 6 também é sério e
 7 ↓ paga mais () mas tem que começar em algum lugar, tem que pegar
 →8 experiência no início () , aí larguei o friends, passei pro treinamento do
 →9 club, dei curso de verão, me chamaram pra auxiliar de coordenação, só que
 →10 era bonsucesso , muito longe ↓ não deu, aí ela me ligou e ofereceu pilares
 →11 aí ↓ eu fui, só que tava com muita coisa e , e: muita turma aí ↓ não

- 12 agüentei () preparava as coisas, as coisas dela, e não dava, preparava
13 aula
14 **Ana:** e tinha que ser muito bem remunerada
15 **Bia:** e eu ganhava menos de um salário mínimo > porque eu não sou formada
→16 < () eu mexia em tudo , no sistema, no computador ↑ eu sabia de tudo ,
→17 eu resolvia tudo, pai e mãe ↑ ia lá , eu tinha que resolver ()
→18 **Ana:** [confiava em você]
→19 **Bia:** confiava é: () aí o young ↑ me ligou , fui pro méier com um
20 monte de currículos , deixei num monte de cursos, nesse mesmo dia ()
21 **Ana:** essas coisas dão experiência é verdade:
→22 **Bia:** é eu tô adquirindo experiência: é verdade: mas não é pra vida toda, não
→23 é, não é definitivamente
24 **Ana:** o que: cursinho ou dar aula ?
→25 **Bia:** ↓ não sei, não sei , não sei porque é: se eu tiver oportunidade de fazer
→26 alguma coisa, sei lá, fico exausta, fico cansada () se eu sair dessa
27 vida tem que ser algo que eu gostasse () > conversando com a minha
28 amiga< a gente falou sobre o que brincava quando era pequena, eu só ↑
29 queria dar aula , mas também eu era tipo uma secretária () brincava
30 () disso também, talvez até uma área mais administrativa, mesmo, num
31 curso mesmo, sem contato com aluno:
32 **Ana:** essa função do coordenador também é legal ()
→33 **Bia:** é : se sair da sala de aula pra um cargo mais staff
34 **Ana:** é : só que nunca parece ser pago como deveria ser () talvez como
35 existe uma grande concorrência entre os cursos , eles tem por alunos,
36 eles não podem dar ↓ pro professor ()
37 **Bia:** eu não sei > isso me desmotiva muito < () e minha mãe com remorso
↑ 38 porque te deixei começar a trabalhar tão cedo :
39 **Ana:** eu também comecei com dezenove: > mas todo dia é muita coisa <
40 **Bia:** é : semestre que vem eu quero só duas turminhas no máximo pra não
→41 parar de ganhar o meu dinheirinho ↓ e só () se não eu pareço um
42 zumbi fico sem paciência, com as crianças ()
43 **Ana:** criança cansa muito
→44 **Bia:** eu fico cansada
45 **Ana:** é: daqui a pouco tua vida vai ficar mais apertada na ↓ faculdade
46 **Bia:** não quero nem pensar nisso ()

Logo no início desse segmento, Bia insere uma narrativa através da qual fornece mais detalhes de sua trajetória profissional: linhas 8 a 12 – e as respectivas avaliações.

Com essa sequência de ações Bia começa a estabelecer uma construção, que é fortalecida logo em seguida, de seu perfil como professora dedicada, séria e que alcançou, cedo, a confiança de todos em seu local de trabalho (linhas 16 a 19). Assim como nos outros segmentos discutidos acima, a trajetória de Bia é entrecortada por uma série de dúvidas decorrentes da realidade de desvalorização que a perturba e desmotiva.

Esse cenário de dúvidas é ressaltado com avaliações e repetições (no caso, através de paralelismo lexical): “não é pra vida toda, não é, não é”;

“não sei, não sei, não sei” – linhas 22, 23, 25.

Também nesse segmento Bia esboça um projeto futuro que não prevê uma mudança radical em sua trajetória profissional, mas acarretaria pequenas mudanças no tipo de trabalho exercido, embora ainda estivesse ligada ao ensino.

Ao vislumbrar a possibilidade de trabalhar numa área mais administrativa do ensino, Bia pode estar tentando amenizar as dificuldades que o professor enfrenta no seu dia-a-dia: “fico exausta”, “fico cansada”, “pareço um zumbi”, “fico sem paciência”, “cansa muito”, “fico cansada” – linhas 26, 42, 43, 44.

No último segmento destacado, Bia reforça, uma vez mais, a importância que dá à formação profissional do professor de inglês, inserido na realidade contemporânea. Este é também o fim do segundo tema e a entrevistada reforça o universo de incertezas que vive, embora enfatize que, mesmo inserido numa realidade difícil, acredita ser importante que o professor esteja sempre investindo em uma melhoria em sua formação.

Segmento 6 – Explicação

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO

“faz parte, tem que estudar, tem que saber as coisas”

- 1 **Ana:** você vê muita diferença: entre os > professores que são formados e os que
- 2 ↑ não são <
- 3 **Bia:** como assim, na hora de dar aula
- 4 **Ana:** é: que os cursos aceitam
- 5 **Bia:** eu acho que tem diferença ↓ sim > por exemplo < estudamos outras
- 6 questões, temos uma visão mais geral, de tudo, de ensino
- 7 **Ana:** > a faculdade não te dá todas as respostas < mas te dá embasamento
- 8 **Bia:** ↓ embasamento , me dá um apoio , que aos poucos eu ↑ vou ganhar
- 9 **Ana:** e provavelmente não vai ganhar ↑ tudo , tem situações que a faculdade
- 10 não ensina ()
- 11 **Bia:** tem coisas que você não aprende em ↓ lugar nenhum

- 12 **Ana:** mas isso não quer dizer > por outro lado< que não precisa de faculdade,
 13 complicado:
 14 **Bia:** é muito:
 15 **Ana:** você acha que a sociedade > mais geral < valoriza o que a gente ↓ faz
 16 **Bia:** olha: eu vejo aqui em casa: > de um tempo atrás < minha avó, meu pai ,
 17 eles valorizam, mas os mais modernos , que fazem outra coisa e
 18 ganham rios de dinheiro , não, entende, uma parte da sociedade () que
 19 antes não tinha contato com inglês acham lindo, legal, por saber inglês.
 20 mas os mais novos () saber inglês é normal, é banal
 21 **Ana:** ↑ parece que a gente não precisou estudar ↓ pra saber
 →22 **Bia:** é: a minha avó se encanta com a gente
 →23 **Ana:** as pessoas mais velhas têm o encantamento do ser professor a
 →24 **Bia:** isso: de ser professor
 25 **Ana:** pra eles é muito lindo, pras minhas tias mais velhas é lindo porque
 26 minha avó foi professora, minha mãe é professora > mas no fundo , no
 27 fundo < o meu irmão é médico, é lindo () eles acham que a gente
 28 trabalha muito , vive cansada
 29 **Bia:** a minha mãe ralava muito
 30 **Ana:** a minha mãe ↓ também, a vida dela foi bem pior que a minha () ↑
 31 quando você tava no colégio você já sabia que queria dar aula?
 32 **Bia:** ↓ não, no pré-vestibular é: eu tinha dúvidas, pensei em direito, educação
 33 física, inglês, química, aeromoça
 34 **Ana:** > eu também queria ser aeromoça<
 35 **Bia:** e aí no pré-vestibular > eu conversando com meus pais e eles falaram
 36 por que você não faz letras < e eu odeio ler, é uma loucura, eu sofro ()
 37 me desanimo > quase quis sair < ler e escrever muito
 38 **Ana:** teorizamos muito
 39 **Bia:** é:
 40 **Ana:** pros outros isso é pra ↑ que mesmo
 41 **Bia:** o nosso às vezes é muito pouca prática () às vezes é bem vago () >
 42 isso tudo desmotiva < mas voltando a sua pergunta : acho que faz parte,
 43 tem que estudar tem que saber as coisas , acaba precisando, é
 44 necessário é complicado mas mesmo assim eu acho que tem que ter ↓ a
 45 formação ()
 46 **Ana:** é difícil mesmo () eles colocam instrutora na carteira () você ainda
 47 não é ↓ professora formada, você é séria, gosta, estuda, trabalha bem, é
 48 responsável > tudo bem< mas podia ser uma bem iniciante que > não é
 49 só porque não é formada< () é muita responsabilidade pegar alguém
 50 novo e jogar lá na toca do leão
 51 **Bia:** é sim
 52 **Ana:** seria ideal que as coordenadoras fossem sérias e formadas >a tua até é <
 53 mas, pra que elas também ajudassem os instrutores a virarem melhores
 54 professores > ↓ mas nem sempre <
 55 **Bia:** é mas também eu preciso estudar mais
 56 **Ana:** e eles não ↓ aceitam
 57 **Bia:** é: eu já tô vendo:
 58 **Ana:** a mentalidade do curso não é investir na tua ↓ formação
 59 **Bia:** () eu penso em algum momento > não sei< se eu sair da vida, acho
 60 que não volto, mas se precisar trabalhar eu volto () fiz tudo por conta

61 própria, deixei currículo , e olha: já tô ↑ cansando () eu fico me
62 perguntando tudo isso ()

Ressalto, de início, ter observado que fiz, como entrevistadora, muitas intervenções nesse segmento. Acredito que isso se deve ao fato dessa questão da importância da formação do professor ser muito cara para mim, como deixei claro no início da introdução desse trabalho.

Aliás, nesse segmento em questão, nos utilizamos, Bia e eu, de repetições, muitas vezes idênticas (quase sempre através de paralelismo lexical ou semântico) e avaliações realizadas conjuntamente, num processo de co-construção de sentidos do ser professor, sob nossa concepção, dentro da discussão levantada na entrevista.

As avaliações feitas por nós duas perpassam todo o tópico da discussão e seus desdobramentos:

***A importância da formação profissional:** “acho que tem diferença , sim”, “temos uma visão geral, de tudo”, “mas tem coisas que não aprende em lugar nenhum”, “é complicado”, “mas tem que estudar”, “faz parte”, “é difícil mesmo”;

***A valorização ou falta dela pela sociedade:** “eles acham lindo, mas os mais novos, é banal, é normal”, “a minha avó se encanta”, “as pessoas mais velhas têm o encantamento”, “pra eles é lindo”;

***A realidade no curso de letras:** “eu soffro”, “é loucura”, “me desanimo”, “teorizamos muito”, “muito pouca prática”, “é bem vago”, “isso desmotiva”.

A dedicação, a noção da importância da formação, própria das discussões sociológicas sobre as profissões (cf. capítulo 2), apesar de seus problemas, as frustrações, as dúvidas, são, constantemente co-construídas por nós duas, numa cumplicidade que ajuda a nos construir como professoras; além disso, como lembra Linde (1997), a observação do uso das avaliações ajuda a entender as ligações existentes entre o discurso produzido na entrevista, por exemplo, e a realidade maior, na qual esta está inserida.

Aqui, Bia e eu fazemos uso das avaliações para interpretarmos a condição do professor e sua realidade de trabalho e formação. Esse processo é fortalecido pelo uso das repetições também, como ressaltado anteriormente (Labov, 1967;

Mishler, 1986; Tannen, 1989; e outros), que ajudam a avaliar, descrever realidades, fortalecer idéias, co-construir sentidos e processos interacionais.

Assim como aconteceu nas outras entrevistas, a questão de possuir formação específica para dar aulas ou não é levantada; trazendo à tona, novamente, a diferenciação entre instrutor e professor. Seguindo uma linha de construção de sentidos que confere maior valor ao professor formado, mesmo sabendo dos problemas que os cursos universitários apresentam, entrevistadora e entrevistada, eu e Bia, nos engajamos num processo de co-construção de significados, estabelecendo uma relação de afiliação à identidade profissional de professoras de inglês, ressaltando a importância de nossa formação. No caso da formação de Bia, ainda em andamento na graduação, e a minha também, na pós-graduação.

5.2.1.

Formação e dúvidas de uma Professora- Estudante

Retomando os aspectos relevantes discutidos em relação à trajetória profissional de Bia e os processos discursivos de construção de identidade profissional que ela utiliza durante a entrevista, é essencial ressaltar que a entrevistada traça um caminho entrecortado por dúvidas. Essas dúvidas permeiam suas escolhas, sua atuação profissional e seus possíveis projetos futuros (**segmentos 1,2,3,5,6**).

É claro que por ainda estar estudando e ser ainda bem jovem, Bia experiencia momentos de adaptação ao emprego, que ainda é recente, e apresenta muitas dúvidas, e estas parecem estar inseridas em sua própria construção do que é ser professor.

Muitas das dúvidas que Bia tem são decorrentes das dificuldades que ela vive como professora, das condições não tão satisfatórias dos locais de trabalho em que atua e até, por muitas vezes, esses problemas parecem interferir em seus sonhos e projetos futuros. Além disso, a desvalorização que a profissão vem sofrendo, econômica e socialmente, também tem papel central nas construções desenvolvidas por Bia (**segmentos 3,4**). Construções estas que se encontram

inseridas na atualidade, sendo próprio, então, que questões como a desvalorização, incerteza, decepções e dificuldades interfiram no caminho dos professores, que buscam novas formas de serem profissionais na cena atual do trabalho e do ensino, particularmente (Bauman, 1998; Gatti, 2000; Giddens, 2000; Sennett, 1999).

Não posso deixar de mencionar, no entanto, que o caminho entrecortado por muitas dúvidas e algumas decepções não impede, de forma alguma, que Bia continue se dedicando aos estudos, à formação, que valoriza muito, e ao seu trabalho (**segmentos 4, 6**). Esboça, também, um possível projeto que não a afastaria completamente da profissão de professora, mas traria algumas mudanças no tipo de trabalho que faria (**segmento 5**). Assim como sua trajetória, os projetos futuros também são entremeados por dúvidas .

Durante a entrevista, Bia elaborou a construção da identidade profissional do professor de inglês e da realidade na qual este atua, com base em suas experiências. Reforçou essas construções com as avaliações que fez, da realidade que vive e da condição do professor na atualidade. Conseguiu, de tal forma, traçar uma trajetória profissional coerente e que ainda está em processo de formação, com projetos indefinidos, como a própria Bia.